

## APRESENTAÇÃO

Wellington Aguiar

*Escrita em 1639, a Descrição Geral da Capitania da Paraíba aguardou, nada menos que duzentos e trinta anos, para ser publicada. Pois somente em 1869 é que o trabalho foi impresso pela primeira vez, na Crônica do Instituto de Utrecht. O culto pernambucano José Higino traduziu, então, o seu texto, divulgando-o pela Revista do Instituto Arqueológico de Pernambuco, tomo 5, n.º 31, pp. 239/288, agosto de 1887.*

*Em 1911, o Almanaque do Estado da Paraíba publica a Descrição, recolhida evidentemente da Revista da vetusta e ilustre instituição do vizinho Estado do sul. Era a primeira vez que a monografia de Elias Herckmans vinha à luz no solo que ele governou.*

*A Revista da Faculdade de Filosofia da Paraíba, vol. 2-1959-1964 n.º 4, reproduziu por inteiro o texto do Almanaque, porém não se dando, sequer, à tarefa de fazer-lhe a atualização ortográfica, o que inegavelmente facilitaria a sua leitura aos próprios alunos, e às novas gerações.*

*Agora entretanto, graças à sensibilidade do Prefeito Municipal de Santa Rita, a lacuna foi sanada. E mais: a Descrição Geral da Capitania da Paraíba é editada em forma de livro, trazendo cinquenta e uma notas escritas pelo burgo-mestre, versado na história da nossa terra e da nossa gente. Presta assim Marcus Odílton Ribeiro Coutinho um duplo serviço à cultura paraibana, porquanto não se limitou apenas, a determinar a publicação do trabalho de Herckmans, mas debruçou-se sobre ele, estudou-o, e redigiu-lhe as cinco dezenas de notas.*

Sabe-se infelizmente que a maioria das Edilidades brasileiras, grandes e médias, jamais mandou editar uma obra de real valor para sua respectiva região. Tal é o caso, por exemplo, da Prefeitura Municipal de João Pessoa, cujo atual prefeito nem ao menos vê com bons olhos, o exercício de atividades culturais. Daí por que mais cresce, assim, a iniciativa do Poder Público de Santa Rita em levar ao conhecimento do povo, um dos mais importantes documentos da história da nossa terra, que jazia praticamente esquecido.

Agradeço ao professor Aécio Aquino e ao crítico literário Gemy Cândido o auxílio que prestaram. E ressalto que, se o texto seiscentista trouxe erros por culpa minha, a atualização ortográfica, a que me propus, foi elaborada com honestidade e amor.

## O AUTOR E A OBRA

Elias Herckmans integrou o grupo de artistas e sábios trazido por Maurício de Nassau. Alfredo de Carvalho chamou-o de poeta aventureiro, em um ensaio que publicou sobre ele, na Revista do Instituto Arqueológico de Pernambuco.

Foi diretor (governador) da Capitania da Paraíba sob domínio holandês, substituindo a Ippo Eyssens, que morreu em combate ao ser surpreendido pelas tropas do famoso capitão Francisco Rabelo, quando presenciava uma farinhada num dos engenhos da Várzea (1).

Segundo o historiador Horácio de Almeida, Elias Herckmans administrou a Paraíba de 1636 a 1639. Graças a Horácio de Almeida, aliás, preferi a grafia Herckmans, e não qualquer das outras que se lêem por aí.

Assinala Irineu Pinto no livro *Datas e Notas para a História da Paraíba*, que Elias Herckmans era "um homem de mérito". E diz que ele escreveu "uma interessante monografia que acha-se dividida em três partes: a primeira traz uma ligeira descrição da cidade da Paraíba, seus arredores, engenhos, rios, etc; a segunda trata da fertilidade da capitania, e a terceira é uma descrição dos costumes dos índios daqueles tempos".

Não foi ligeira a descrição da nossa capital, como entendeu Irineu Pinto. É que a cidade, na época, estava apenas começando, pois contava somente pouco mais de meio século, num tempo em que tudo era muito difícil e demorado. A atual João Pessoa, no período em que Herckmans aqui esteve, poderia ser percorrida de um extremo a outro em

cerca de quinze minutos, a passos não apressados. Ia da igreja de São Francisco à capela de São Gonçalo (precisamente, onde se localiza o jardim do Palácio da Redenção). O crescimento lento, aliás, foi algo comum a várias cidades brasileiras, erguidas em séculos passados, e hoje transformadas em importantes metrópoles. São Paulo, por exemplo, quando da criação dos cursos jurídicos pelo Governo Imperial, em 1827, não passava de modestíssimo burgo interiorano, pequeno, de vida medíocre. Sua população inclusive, era menor que a de Olinda, não obstante haver sido fundado mais de duzentos e cinquenta anos antes.

Se o autor da Descrição Geral da Capitania da Paraíba mais não disse, foi porque, tanto quanto os demais europeus que aqui habitavam, desconhecia inteiramente a maior parte de nossas terras, então só percorridas pelos silvicultores. Ao contrário do mestre Irineu Pinto, acho o dirigente holandês, que nos retratou em tempos coevos, minucioso, perspicaz e excelente observador. E creio que pouco lhe escapou que pudesse contribuir para o conhecimento futuro da realidade por ele vivida.

Cometeu, é verdade, uns poucos enganos e lapsos, além de haver deixado certos nomes e datas em branco. Mas a sua reconhecida contribuição, não se cingiu unicamente à história, uma vez que, em se estudando a toponímia existente na monografia, e ainda atual, ter-se-á valiosas informações geográficas e etnográficas. Ademais, os nomes antigos de proprietários de engenhos, podem servir aos que se dedicam às pesquisas genealógicas.

Segundo esclarece Rodolfo Garcia em nota à História Geral do Brasil, de Varnhagem, as etimologias tupis do escrito de Elias Herckmans "foram estudadas por Teodoro Sampaio, na Revista do Instituto Arqueológico de Pernambuco, tomo 11, n.º 60, pp. 30/36" (2). De tal afirmativa, depreende-se a sua importância também nesse difícil campo.

A cidade de Felipéia, em 1639, possuía menos de dois mil habitantes. No interior do nosso território, os colonizadores só haviam penetrado até o atual município de Serra da Raiz. Vasta região permanecia, assim, afastada dos brancos. A precariedade dos caminhos, a rigor simples trilhas ou veredas, contribuía sobremaneira para a morosidade com que avançava a conquista. E aqui não foi encontrada uma civilização indígena já feita, como no Peru e no México. Os nossos aborígenes estavam, uns na idade da pedra lascada e outros, na da pedra polida. O sistema de capitanias heredi-

tárias mostrou-se também sumamente impróprio, e o Governo Geral, em seguida, viu-se a braços com a enorme extensão do Brasil. Outros fatores, igualmente pesaram no atraso em que se viu mergulhada a colonização.

A natureza porém, nunca deixou de ser dadivosa. E os cronistas primeiros ressaltaram o fato. O próprio Elias Herckmans, não mediu elogios ao que viu na Paraíba: "Em águas, ares e fertilidade é esta Capitania uma das regiões mais saudáveis do Brasil (...)". Mais adiante, disse com elegância que o nosso ar era "sutil", alegando ser o clima "de todo temperado e saudável". Por isso, achava que "(...) essa zona mal se pode denominar de tórrida", pois "(...) a terra ali não é tão abrasada quanto as da África sob o mesmo clima (...)", uma vez que "(...) por toda a parte verdeja e se cobre de folhagens, como sucede na Europa (...)". Informou ainda que "(...) nos lugares os mais secos se encontram relva e moitas ou capoeiras, além de que a terra é por toda a parte mui matagosa e se cobre de toda a sorte de caniços, ervas e árvores, formando uma espessura tal que impede a passagem".

Revelou o governante batavo, que então tínhamos "(...) claras fontes de água doce e potável, além de seus rios belos, grandes e piscosos, os quais não somente fornecem água boa para se beber senão também peixes, ostras e outros mantimentos, bem como são próprios para se subir ou descer por eles em pequenas embarcações (...)". E chamou as plantações de cana-de-açúcar, de "mui formosos canaviais".

As variedades de nossos frutos, igualmente não escaparam ao espírito arguto de Herckmans. Da goiaba, escreveu que é "mui refrigerante" mencionando as laranjas, limas, limões, bananas, pacovas, maracujás, maçarandubas, cajus, etc. Nem sequer esqueceu a melancia.

Garantiu que possuíamos figos como os de Portugal, embora poucos. Assim como uvas moscatéis e brancas. "Melões, abóboras, pepinos e outros frutos que tais, os há aí mui belos e em quantidade no correr de todo o ano (...)", observou ele, admirado com a exuberância da natureza, nesta parte dos trópicos. E mais adiante, registrou que "Além de toda essa uberdade das terras e campos, é esta Capitania provida de toda a sorte de quadrúpedes que servem assim para mantimento, como para o trabalho agrícola; porquanto Mamanguape, Camaratuba, Miriri, Mumbaba e Gramame produzem bois, carneiros, cabras, porcos e outros quejandos

animais, em quantidade superior àquela de que necessita a Capitania para si mesma”.

Até os bichos de nossas matas não lhe passaram despercebidos: “Também há abundância de animais selvagens, como veado, o cabrito montês, o porco-do-mato e o porco aquático (capivara), o coelho e várias outras sortes de caça que seria longo enumerar aqui”. Afiançou peremptoriamente ainda, que a Paraíba possuía “(...) os melhores cavalos de sela do Brasil”.

Herckmans notou um costume, hoje de fato extinto: que os habitantes tinham, como base de sua alimentação, o peixe. Aliás, mais propriamente, a tainha. “(...) Todos os moradores da terra dela se alimentam, e sem isto os engenhos não poderiam manter-se”.

Referiu-se às plantas medicinais e raízes que abundavam na época. Disse que a pimenta brasileira “(...) é de todas a mais picante e ardente (...)”, esclarecendo que em nosso território, ela nascia por toda a parte.

## CONCLUSÃO

O trabalho que empreendi, que consistiu em redigir as palavras de acordo com a ortografia atualmente usada, longe está de ser perfeito. O texto continuará contendo certos termos, que guardam o mesmo significado, mas estão grafados de modo pouco diferente. Exemplos: Monguappi e Mongougoappi; Leitumidi e Leitudimi; Erione e Eriorene. Infelizmente, por mais que me esforçasse e perquirisse, não logrei saber quais deles, quase idênticos, estão de fato corretos. Ademais, expressão abreviada, como S. Exa., tratamento respeitoso encontrado mais de uma vez, permaneceu como se escrevia, ao tempo em que o Almanaque do Estado da Paraíba publicou a Descrição. Entendi também, por outro lado, que um maior número de nomes próprios, melhor ficaria, em consonância com o antigo texto. Dois esclarecimentos, afinal se fazem necessários: as palavras aspeadas anteriormente, agora foram redigidas grifadas; e será observada a ausência de uma ou outra expressão, em certas frases, por falta de quem, primeiro, deu à luz o escrito seiscentista.

Se mérito algum não couber a Marcus Odilon e a mim, pelo menos, nos restará o consolo e a honra de sermos os primeiros a homenagear, com a publicação deste livro, o quarto centenário da terra natal.

João Pessoa, maio de 1982

• CÓPIA DA DESCRIÇÃO GERAL DA CAPITANIA DA  
PARAÍBA POR ELIAS HERCKMANS, REPRODUZIDA DO  
ALMANAQUE DO ESTADO DA PARAÍBA PARA 1911.

A Capitania da Paraíba, situada ao norte de Pernambuco, é uma das principais províncias do Brasil. Entre os seus limites e os de Pernambuco fica a capitania de Itamaracá que com ela confina pelo sul; ao oriente o mar oceano ou mar do Norte, como os espanhóis o denominam; ao norte a capitania do Rio Grande, e para o ocidente estende-se pelo sertão a dentro até onde os moradores a quiserem povoar, o que até o presente não se observa senão até às montanhas da Ocupação (3).

Em águas, ares e fertilidade é esta Capitania uma das regiões mais saudáveis do Brasil, e em todos os tempos tem sido populosa e bem povoada pelos naturais da terra, chamados *Potiguares*. Depois do seu descobrimento foi ocupada pelos Franceses, que durante largos anos fizeram o tráfico de algodão e pau-brasil com os habitantes. Foram os Franceses expulsos pelos Portugueses, e estes, por sua vez, vendidos pelos livres Neerlandeses.

No tempo dos Portugueses fez-se dessa região uma *Capitania*, o que quer dizer província onde tem mando um capitão, assim como ainda se dá a mesma denominação a todas as províncias do Brasil. Esse capitão é designado pelos Portugueses com o título de capitão-mor, isto é, capitão superior, pois que ele, tem outros capitães sob seu mando. O capitão-mor estava investido da suprema autoridade sobre a milícia e a polícia, e de três em três anos era mudado pelo rei de Espanha.

Essa região ou capitania tem o nome de *Paraíba* que é uma palavra bárbara, ou melhor *brasílica*, significando um mar *corrompido* (4), *uma água má*, outrossim um *porto mau para se entrar*, e, segundo explicam as pessoas mais versa-

das nessa língua, quer dizer *um porto sinuoso, cuja entrada é má*; pois *Pará* quer dizer rio ou porto com curva, e *iba* significa mau donde se segue que esse rio, o maior dessa região, tira o seu nome da boca ou entrada sinuosa que tem, e por sua vez a região tira o seu nome do rio, que se chama *Paraíba*.

O rio Paraíba tem na entrada sobre a margem meridional ou à mão esquerda uma ponta chamada *Cabedelo*, onde existia no tempo do rei um *fortim* com o nome *Santa Catarina*; mas, depois da nossa conquista, fez-se dele um grande forte, a que se deu o nome de *Margareta* (Margari-da) (5).

Do lado do norte e defronte do dito forte existia também um outro chamado S. Antônio. S. Excelência o Conde Maurício de Nassau, almirante e governador general das conquistas do Brasil, por parte de Suas Altas Potências os Srs. Estados-Gerais das Províncias Unidas Neerlandesas, de sua Alteza o Príncipe de Orange, e dos Diretores da privilegiada Companhia das Índias Ocidentais, tendo ido ali, e examinado a situação e a fortaleza dessa obra, mandou que a deixassem cair em ruínas e a demolissem; no ano de 1639 porém resolveu S. Excelência levantar de novo o dito forte, dando-se-lhe um circuito ou âmbito menor.

Cerca de um quarto de légua espanhola daí para o ocidente fica o forte chamado *Restinga* (6). É pequeno e quadrado como um reduto, e forma um triângulo com os fortes de Santo Antônio e Margarida. No tempo do rei de Espanha este fortim tinha o nome de S. Bento, e por trás estava em aberto. Demora na ponta da ilha que o rei deu aos frades de S. Bento, e por isso a denominaram ilha dos Frades, a qual se estende pelo rio acima obra de meia légua, e se acha quase toda deserta e coberta de mata, não sendo mui própria para cousa alguma. Presentemente vagueiam aí 60 ou 70 cabeças de gado, que os neerlandeses nela meteram no ano de 1636 para servirem de alimento aos fortes nas ocasiões de necessidade ou invasão do inimigo. Mas esse gado se acha agora tão selvagem que não se pode pegar uma só cabeça, a não ser deitando-se abaixo uma parte da mata, fazendo-se círculos (circken) onde se meta toda a tropa com cães educados para esse fim, segundo o modo usado pelos criadores de gado do Brasil.

Por trás dessa ilha passa um canal do rio Paraíba, sobre cuja margem setentrional, obra de meia légua de S. Antônio, fica o lugar chamado Forte Velho (7) que foi dos

Franceses, e aí faziam eles o seu negócio com os Potiguares ou índios da terra; pois nesse tempo não se sabia ainda aí plantar a cana-de-açúcar e muito menos moê-la, o que veio a suceder posteriormente, quando os Portugueses a introduziram. Esse forte, apesar de estar bem guarnecido de soldados Franceses e de terem eles, além disso, os índios por amigos, foi cercado e por último tomado de assalto no ano de 1586 pelos Portugueses, que tinham por chefe com o título de governador a Frutuoso Barbosa, sendo mortos todos os que encontraram dentro do dito forte.

Deste lugar para o ocidente, desemboca atrás dessa ilha um pequeno rio chamado *Nossa Senhora da Guia*, (8) o qual vem do norte a uma pequena légua do interior, e junto dele fica sobre um monte a igreja do mesmo nome. Em 1636, no tempo da invasão de Rebelo e Souto, capitães do rei, foram transportados e se estabeleceram aí com a aprovação do diretor desta Capitania, as aldeias de Jacuípe e Pontal, para não serem incomodadas nem seduzidas pelas tropas do inimigo, porquanto esse lugar, como fica dito, não demora longe dos nossos fortes. No ano de 1637 porém, depois da conquista de Porto Calvo, a pedido dos principais dessas aldeias se lhes permitiu voltarem para as suas velhas aldeias, a fim de habitarem junto às suas roças, cajueiros e pescarias.

Ao norte da extremidade ocidental dessa ilha de São Bento entra o rio Gargaú, e prolonga-se para o noroeste e um pouco para o ocidente, procurando a terra de Gargaú, onde fica um engenho de fazer açúcar, que outrora se chamava Gargaú, e que agora tem o nome de *La Rasiere*, por se chamar assim o seu possuidor, que o comprou (9).

Para o norte e sobre os montes do mesmo engenho se acha uma aldeia de índios, também chamada de Gargaú, da qual esse distrito e o rio tomaram o nome. Gargaú é uma palavra Brasileira, pela qual designam uma espécie de peixe, que os portugueses chamam *peixe-boi* (apanham-se muitos nesse rio); pois *garga* é o nome do referido peixe, e *ú* é água o que quer dizer: *água do peixe-boi* (10).

A uma pequena meia légua para o ocidente ou para o sudeste da extremidade ocidental da ilha, se vê um espaçoso recôncavo ou baía à margem meridional do Paraíba. Chegando aí, o rio lança um braço ou canal para o ocidente, chamado rio Tambian (Tambiá). Nessa bacia há um canal próprio para se pôr a seco os navios e barcos, e calafetá-los; no tempo do rei os Portugueses serviam-se desse lugar



para o dito fim, e por isso os nossos o chamam ainda *Timmerwerf* (estaleiro); pois há muita mata e madeiras ao redor desse sítio, e nomeadamente a madeira que os Portugueses chamam *angelim*, a qual é forte e boa tomando uma cor escura quando seca; é própria para fazer-se uma bonita obra.

O rio Paraíba é aí bastante largo; tem de um a outro lado as margens mui baixas com bosques inundados, cujo arvoredor se acha n'água e debaixo d'água, principalmente as árvores chamadas mangues. Os seus ramos, pendendo sobre a água em razão do peso e chegando a tocar o fundo (que é muito lodoso), recebem novas raízes, e desses novos ramos se levantam, crescendo até que pelo peso se abatem, e delas brotam ainda outras raízes. Nessas árvores e ramos crescem as ostras em grande quantidade à flor d'água; e daí procede o dizer-se na Holanda e em outros lugares o que, posto seja inverossímil, é verdade — que no Brasil as ostras crescem nas árvores.

Nessas baías ou *Timmerwerf* surgiram os Neerlandeses com suas pequenas embarcações a 22 de dezembro de 1634, quando tomaram (foram tomar) a cidade de Filipéia, agora chamada *Frederica*.

Deste ponto sobe-se o rio a oés-sudoeste deixando ficar à mão direita o pequeno canal de um riozinho, que corre até Gargaú. Depois, obra de meia légua do *Timmerwerf* apresenta-se à mão direita um largo rio que tem na boca uma pequena ilha redonda e coberta de altas árvores; esse rio também prolonga-se até o engenho Gargaú.

Defronte do dito rio, um pouco mais para o sul, fica a boca do *Varadouro*, que faz uma larga baía estendendo-se quase um quarto de légua para o interior até a praia, da qual dista pouco mais ou menos um quarto de hora de viagem à cidade, situada acima sobre um ponto mais alto. Há aí um reduto de pedra, onde se faz guarda o qual já se achava acabado no tempo do rei e servia para a guarda dos armazéns de açúcar. Por ocasião da conquista deste lugar, esses armazéns foram queimados e abrasados pelos Portugueses, a fim de que os Neerlandeses não pudessem utilizar-se dos seus açúcares; mas no ano de 1637 o diretor da mesma Capitania, em virtude de ordem de S. Excia., e do Supremo Conselho, fez construir ali um armazém grande e capaz com um bonito molhe ou dique no *Varadouro*, onde atracassem as embarcações, e se embarcasse ou desembarcasse o açúcar, para cômodo e utilidade dos mercadores.

Esta cidade começou a ser edificada e convertida em povoação (isto é, lugar onde se aglomera um certo número de pessoas para viverem juntamente) por um João Tavares, capitão-mor da capitania da Paraíba, no ano de... (em branco); o qual nome e título se lhe deu por causa dos incômodos, que passaram de tormentas, chuvas e ventos, até o dia em que começaram a estabelecer-se aí e a construir casas. Mais tarde, quando se começou a plantar cana nesta Capitania, a cidade aumentou em casas e igrejas, foi denominada (por se chamar Filipe o rei de Espanha) Filipéia de Nossa Senhora das Neves, conservou este nome até que, por parte de Suas Altas Potências os Snrs. Estados Gerais, o Príncipe de Orange, e a privilegiada Companhia das Índias Ocidentais, foi tomada pelos Capitães ao seu serviço no Brasil, nomeadamente o Sr. Sigismundo Van Schoppen, governador e chefe da milícia, o Sr. Coronel Artichau, os Srs. conselheiros políticos e o almirante João Cornelisz Lichthart; porquanto então substituiu-se a denominação que tinha pela de *Frederica* ou *Frederikstadt*, em virtude do nome de S.A. o Sr. Príncipe de Orange, e por deliberação de todos foi aí posto o conselheiro político das duas capitanias da Paraíba e Rio Grande.

A cidade Frederica está situada ao comprido sobre a eminência do monte que fica defronte da Baía do Varadouro. Contam-se nela seis igrejas e conventos, que são os seguintes. O convento de S. Francisco é o maior e o mais bello: está cercado de um muro, e por dentro foi construído mui regularmente. No ano de 1630, os frades e particularmente o guardião, frei Manoel de S. Maria, tendo se metido a escrever cartas a Matias de Albuquerque, governador do rei as quais caíram em poder dos Neerlandeses, expeliu-se o guardião da terra; e como os soldados do rei capitaneados por Francisco Rabelo invadiram a Capitania, os frades de S. Francisco foram postos fora do convento, em virtude da resolução tomada pelos Conselheiros Políticos, e o Convento fortificado para servir de asilo ou refúgio aos mercadores neerlandeses em ocasiões de necessidade. Fez-se pois uma trincheira em torno dele com uma bateria que se colocou diante da igreja para, dominar a entrada ou avenida. Presentemente alojam-se nesse convento o diretor da Capitania e os soldados que estão aí de guarnição.

Segue-se o convento dos Carmelitas, cujos frades se têm conservado nele até o presente. O convento não está ainda de todo acabado, porque somente há poucos anos que

este lugar é cidade, e em grande parte lhes faltaram os meios.

O mesmo se dá com o convento de S. Bento. Quando os Neerlandeses o ocuparam, estavam levantadas as suas paredes, mas não tinha coberta, e muito menos se achava interiormente construído. Eles o teriam construído convenientemente; mas, como por ocasião do cerco achou-se que esse lugar estava mui bem situado para servir de fortificação, diante da cidade levantou-se uma trincheira em torno do convento. Conservou-se essa trincheira até o ano de 1636, em que se dispôs o convento de S. Francisco para servir de fortificação; demoliu-se então a trincheira, e entregaram aos frades as paredes do convento, como estavam. Mas até esta data eles nada mais têm aí construído.

Além destes três conventos, há nesta cidade três igrejas, a principal das quais é a matriz. É uma obra que promete ser grandiosa, mas até o presente não foi acabada, e assim continua, arruinando cada vez mais de dia em dia. (Nulla Salus bello, etc).

Segue-se a igreja da Misericórdia. Está quase acabada; os Portuguezes servem-se dela em lugar da matriz. O seu fundador foi Duarte Gomes da Silveira, senhor de Engenho, que a construiu à sua custa, assim como tem promovido a edificação desta cidade, auxiliando com dinheiro a muitos moradores que desejavam construir casas. Ele próprio levantou um magnifico prédio ao lado ocidental do convento de S. Bento para lhe servir de casa; mas não está acabada, e se acha quase que somente em caixão, mostrando quão grande seria se estivesse concluída.

A sexta e última igreja, que assinala também o limite extremo da cidade, é uma igrejinha, ou, para melhor dizer, uma simples capela com a denominação de São Gonçalo.

Daí estende-se a cidade para o oriente até o convento de S. Francisco com o comprimento de quase um quarto de hora de viagem, mas escassamente edificada e com muito terreno desocupado.

Desse ponto segue o caminho através do bosque, prolongando-se geralmente ao sul e depois ao ocidente para Tibiry, e rio acima a um tiro de mosquete da capela fica a forca junto ao caminho, na qual se costuma justicar.

Pouco mais ou menos no meio da cidade (da middelwegen instadt) e do lado do sul fica a casa do Conselheiro com a praça do mercado; aí está o pelourinho, que assinala o lugar, das execuções na cidade.

Nesta cidade da Paraíba se acha o Tribunal de Justiça de toda capitania; o colégio ou assembléia dos juizes se compõe das principais pessoas da mesma Capitania. No tempo do rei de Espanha essa corporação era constituída, conforme o modo e a ordem que se usava em Espanha e Portugal, isto é, tinha dois ou três vereadores para administrar justiça às partes.

Havia também um ouvidor, para o qual se apelava das sentenças dos juizes, e de quem se podia apelar para o Supremo Tribunal de Justiça da Bahia; dois juizes de órfãos que sentenciavam todas as causas referentes a menores órfãos, e finalmente certos juizes inferiores denominados *almotacéis*, que eram uma espécie de commissários incumbidos de tomar conhecimento dos negócios miúdos. Tinham autoridade e inspeção sobre a venda dos víveres e mantimentos, a fim de que não fossem vendidos por mais de seu valor; desempenhavam também o cargo de intendente ou fiscal dos edificios, vigiando que as ruas e estradas fossem conservadas em bom estado para uso dos viajantes, e tinham autoridade sobre os prédios para impedir que a casa de um não chegasse mui perto da de outro. Outrossim se algum operário fizesse alguma obra para alguém, por exemplo, um alfaiate que se incumbisse de fazer um vestido, um carpinteiro uma casa, um pedreiro alguma parede, um ferreiro uma obra de ferro e não estando de acordo as partes contratantes, ou seja que o freguês não quisesse receber a obra, ou o artista pedisse mais do que era justo, o negócio era levado ao conhecimento dos *almotacéis* para decidirem. Havia ainda provedores de alfândega (providendo alfândegas) e outros officiaes e empregados da fazenda do rei, que seria mui longo enumerar, pelo que remetemos o leitor curioso às ordenações e leis de Portugal, onde se declara o emprego e a qualidade de cada um, como são providos no cargo, e os particulares respetos que o público lhes deve.

Este regime se conservou desde a rendição desta Capitania até o ano de 1637, em que S. Exc. e o Conselho Supremo e Secreto, de acordo com as suas nobres instruções, mudaram o governo, substituindo o que foi estabelecido pelos Portuguezes por uma nova forma, semelhante a que se observa geralmente nas Províncias Unidas Neerlandesas.

Para ser isto convenientemente executado, se fazia mister que, na conformidade das instruções emanadas de Suas Altas Potências e da Assembléia dos 19, se escolhesse dentre os habitantes mais qualificados assim Portuguezes como

Neerlandeses, um certo número de pessoas que servissem de eleitores. Estes deviam eleger em número tríplice os indivíduos mais religiosos, capazes e qualificados, e sobre essa lista S. Exc. e o Conselho Supremo e Secreto tinham de escolher por sua vez o terço das pessoas apresentadas para serem escabinos. Assim o Conselho Político, autorizado para nomear os eleitores, escolheu dezesseis moradores da Capitania, assim Holandeses como Portuguezes, para serem os eleitores, e estes elegeram dentre si e os demais habitantes 15 pessoas, cinco das quais foram nomeadas por S. Exc. e o Conselho Supremo para servirem de escabinos.

Compete a estes escabinos administrar justiça durante um ano, sendo expirado esse prazo, o número tríplice apresentado pelos eleitores consta somente de nove indivíduos, dos quais são escolhidos três novos escabinos, ficando dois dos velhos e saindo os outros e assim até o presente se tem continuado a observar.

Os escabinos tomam conhecimento de todas as causas para administrar justiça de *prima instantia* e de suas sentenças se pode apelar para o Conselho Político de Pernambuco do qual não cabe mais apelação, podendo, todavia, as partes que se sentirem agravadas pedir revista das sentenças do dito Tribunal, o que tudo se regula pela ordenação do Tribunal da Holanda.

Há mais um escolteto, para dar queixas contra os malfeitores e delinquentes, executar as sentenças, bem como as ordens e mandados da parte do governo *vanhooger ants* e desempenhar as mais funções próprias do ofício de escolteto, segundo as ordenanças da Holanda Zelândia e Frisa Ocidental.

Nomearam-se também administradores ou curadores de órfãos *weesmeesteren*, os quais têm inspeção sobre os bens dos órfãos, a fim de que os tutores sejam zelosos para com os seus tutelados, assim no tocante à educação dos meninos, como no tocante a boa administração dos seus bens, de modo que estes não sofram diminuição; outrossim nomeiam tutores aos meninos, cujos pais morreram sem os nomear.

Eis aí o que me parece conveniente mencionar a respeito desta cidade.

Ela está circundada pelo bosque, e não pode ser vista de quem se aproxima, senão quando se está nela, exceto se sobe ou desce o rio, porque em se chegando à boca ou entrada da baía chamada Varadouro, se pode avistar perfei-

tamente o Convento de S. Francisco e alguns edifícios do lado setentrional.

Na ponta meridional do Varadouro sai um pequeno rio chamado das *marés*; forma-se cerca de duas léguas para o interior, de várias pequenas ribeiras e a meia légua daqui pouco mais ou menos se apresenta como um rio que engrossa ou míngua com as marés donde procede o nome que tem. Há aí mexilhões como na Holanda na ponta para o lado do ocidente há também um canal que passa por trás da terra alagada, onde se apanham ostras; confunde-se um pouco baixas com a Paraíba e, segundo alguns dizem, é o mesmo rio Tanborin (Tambai?), de que anteriormente falamos.

Fora do Varadouro, subindo o rio durante os *Barreiros* (11), que quer dizer sítio onde há muito barro, e aí se costuma cozer muitos vasos e telhas para as cobertas das casas. O dono deste engenho era um tal Domingos Carneiro; mas como, antes da conquista, ele partiu para Portugal declarou-se confiscado o seu engenho para a Companhia e o Supremo Conselho o vendeu ao mercador de Amsterdam, chamado Josias Marschal, que é presentemente o seu dono.

Quase confronte a este engenho, rio acima, desemboca o Iniobi (Inobi) (12) no Paraíba; corre ao longo do lado setentrional da várzea do Paraíba, prolongando com os montes, e tem quatro ou cinco léguas de extensão pouco mais ou menos.

As suas margens ficam quatro engenhos dos quais o mais inferior se chama Engenho do Meio e também São Gabriel; mas atualmente tem o nome de *Middelburgo*, que lhe foi dado pelo seu possuidor (13).

O segundo, que fica acima se chama São Cosme e Damião; mas, é geralmente conhecido sob nome de *Inobi*, que recebeu do rio junto ao qual demora, assim como o mesmo nome tem o distrito ou terra circunvizinha (14).

*Inobi* é uma palavra brasílica, e significa uma coisa pontuda ou cortante por que razão os índios assim denominaram este rio, não o sabem dizer os *d'agora*.

Este engenho *Inobi*, que presentemente também se chama *Amstal* bem como o do meio *Middelburgo*, e o do Bayo *La Rasiere* tinham d'antes por dono a Ambrósio Fernandes Brandaton (Brandão) (15), e depois dele passou aos seus herdeiros até à época da conquista desta Capitania; porque, tendo então fugido os seus proprietários, ficaram pertencendo estes três engenhos, com suas terras à privilegiada Companhia das Índias Ocidentais, que os vendeu a um

negociante de Amsterdam chamado Isaac de Rasiere, que é agora seu senhor e possuidor.

A margem do mesmo rio, obra de meia hora de viagem para cima do engenho Inobi ou Amstal, fica a casa de Duarte Gomes da Silveira. Está situada sobre um monte; é alta e grande, com uma galeria ao redor.

Junto existiu um engenho chamado *Velho* (16), que caiu em ruínas mas agora foi aí levantado um novo engenho pelo mencionado Duarte Gomes. Por este sítio passa o caminho (pas) que segue para o norte procurando o Monguappi (Mamanguape).

A partir daqui, subindo-se o rio obra de uma légua fica o engenho chamado *Novo*, que pertence também a Duarte Gomes da Silveira; por diante deste engenho passa também um caminho para o Mongougoappi.

Voltemos agora ao lugar onde o Inobi sai no Paraíba.

Cumprе acrescentar que este rio corre, desde a foz até o primeiro engenho, fazendo tantas curvas e voltas que, para chegar a um sítio que se ache em distância de uma légua, se há de subir ou descer duas pelo mesmo rio.

Dali para cima, obra de um tiro de columbrina fica sobre a margem meridional do Paraíba a boca ou foz do rio Tibiry, a cuja margem, uma légua para cima pouco mais ou menos, se acham dois engenhos, que se chamam os engenhos do *Tibiry* (17). Esta palavra deriva de *tibero*, que quer dizer *pecado sodomítico*. Na vizinhança destas águas, os Potiguares, achando-se outrora em guerra com os Tapuias (uma outra raça de índios que habita o mais internado sertão) apreenderam um moço tapuia, e abusaram dele nesses sítios, pelo que chamaram o lugar Tiberoy, isto é, *água do pecado sodomítico*. Os dois engenhos do Tibiry distam entre si obra de um tiro de mosquete.

Os Portugueses chamam o de cima engenho de *Catarina*, e o seu proprietário é Jorge Homem Pinto. O outro engenho, chamado S. Filipe e Jacob, pertenceu a Manoel Coresma (Quaresma?) Carneiro, que também retirou-se por ocasião da rendição desta Capitania, e por isso o engenho passou para a Companhia que o vendeu a um mercador de Amsterdam chamado de Daniel de Haen, e este o vendeu a Jorge Homem Pinto, que presentemente o possui como senhor dos dois engenhos do Tibiry.

Entre o Tibiry e o Paraíba fica uma pequena várzea que na sua parte mais larga mede apenas meia légua, isto é,

desde os mencionados engenhos até onde as águas dos dois rios se confundem.

É em geral terra para cana e de cana está plantada.

Obra de um pequeno quarto de hora destes engenhos, o Paraíba faz uma curva e aí se acha o passo ou armazém de açúcar, cujo proprietário é Manoel de Almeida; mas S. Exc. e o Supremo Conselho ordenaram que um quarto de légua abaixo (onde outrora existiu o passo do rei) se fizesse a custa da Companhia e a bem dos mercadores, um outro armazém e passo para o embarque do açúcar, o qual será arrematado em proveito da Companhia. Os carpinteiros se acham ocupados a construir essa obra.

Do Tibiry segue o caminho em geral para o ocidente para o interior, e estende-se cerca de meia légua passando junto ou através das terras do engenho de S. André. É este um dos principais engenhos desta Capitania, fica à margem do Paraíba; o seu proprietário é Jorge Homem Pinto, senhor do Tibiry.

O engenho de S. André, se acha no distrito que outrora se chamou *Real*?; porque coisa de um jacto de pedra abaixo do dito engenho existiu um forte (18) que os Portugueses denominavam *Real* ou *Arraial*. Foi esse arraial levantado antigamente por Manuel Mascarenhas, Governador de Pernambuco, contra os Franceses e os índios, quando os Portugueses ainda não eram senhores desta Capitania, para daí socorrer o castelo do Rio Grande com o que lhe fosse necessário.

Nesses sítios os Portugueses bateram outrora os Franceses e conquistaram os Potiguares, assim como também junto ao mesmo arraial foram batidos e destroçados a 27 de Novembro de 1636 os Portugueses, que se achavam sob o domínio do rei de Espanha, pelos Neerlandeses, ao serviço de Suas Altas Potências os Snrs. Estados-Gerais, de S. A. O Príncipe de Orange e da Privilegiada Companhia das Índias Ocidentais.

Por parte do rei o Capitão dos Portugueses era Francisco Rabelo que cerca de seis semanas antes na noite de 14 de outubro, assaltou de improviso o Snr. Ipo Eysens, diretor desta Capitania, no Engenho Espírito Santo, e o matou e a alguns dos seus, fazendo a outros prisioneiros. Depois veio com 600 homens, afixando editais, em que ordenava a todos os moradores se juntassem imediatamente às suas tropas para fazerem frente aos holandeses, sob pena de ser punido com a morte a quem não fizesse assim, os seus



bens confiscados, com o que começou ele a atrair a si um grande número de pessoas, e o Estado dos Neerlandeses nesta Capitania a correr perigo.

Notícias e boatos mui diversos a respeito do que se passava chegaram à cidade Frederica. O diretor Elias Herckmans, que então residia no convento de S. Francisco, tendo em atenção o fraco estado de Guarnição da praça, escreveu ao sargento-major João Godlat, comandante dos fortes, que fizesse desembarcar, com toda a diligência de 300 a 400 marinheiros de alguns navios, que naquela ocasião estavam ali para serem reparados e consertados, e os pusesse nos fortes para guarnecê-los, e tomando os soldados substituídos pelos marinheiros, subisse imediatamente com eles; o que o major fez na noite entre 26 e 27 de Novembro, pois entrou na cidade com 430 homens, assim soldados como marinheiros, aos quais juntaram-se 80 homens da guarnição da mesma cidade, havendo assim ao todo mais de 500.

Com essa força e mais alguns voluntários a cavalo, o diretor a 27 meio dia e entre 4 e 5 horas chegou a Tibiry. Constando-lhe que o inimigo queria entrincheirar-se em S. André, seguiu para diante e encontraram-se junto ao dito engenho; estiveram a escaramuçar no local do arraial até que caiu a noite, que foi mui própria à gente de Rabelinho em fuga. No dia seguinte, o diretor Herckmans resolveu, com o major Godlat, perseguir a Rabelinho; mas não tardaram a compreender que ninguém tinha gota nos pés.

De Santo André ao engenho S. João Batista há uma légua; demora, coisa de meia hora arredado da margem meridional do Paraíba. Anteriormente foi dono dele Pedro Cadena, que alguns poucos anos antes da conquista desta Capitania partiu para Portugal deixando o seu irmão Jerônimo Cadena na posse do engenho, e esse Jerônimo Cadena é ainda o seu proprietário.

Dáí cerca de uma grande meia légua para o sudoeste fica sobre os montes o engenho chamado Camelo de Valcasar; demora também como o engenho anterior, do mesmo lado do Paraíba, mas um pouco mais chegado ao rio.

Defronte dos Três Reis e dele apartado cerca de uma hora de viagem, se acha, do lado setentrional do Paraíba, o engenho S. Gonçalo (19) que mói com bois; é um dos principais engenhos movidos por animais. O seu dono é Antônio Pinto de Mendonça.

De S. Gonçalo a uma boa légua para o sudoeste, fica um outro engenho movido por bois, chamado S. Francisco,

cujo dono é presentemente Ventura Mendes de Castello (20).

A um grande quarto de hora do dito S. Francisco, também para o sudoeste, fica um outro engenho de bois chamado... (em branco), cujo atual proprietário é André Dias de Figueiredo.

Cerca de três quartos de hora deste engenho para o saudoeste, se encontra o engenho d'água chamado Sta. Lúcia. O atual proprietário e possuidor é João de Souto.

Na mesma direção e a uma pequena meia légua de Sta. Lúcia se acha o engenho de S. Antônio, que é movido por bois. No tempo do rei foi seu proprietário Manoel Pires Correia; mas, tendo-se ele retirado em razão da conquista desta Capitania, passou o engenho para a Companhia, e por parte dela o Supremo Conselho o vendeu a um mercador de Rotterdam chamado João Cornelisz Jongeneel, que é ainda o seu dono, e lhe deu o nome de *van der Dussen*.

Voltaremos agora ao engenho Três Reis (21) e subindo daí pela margem meridional, onde o caminho segue primeiramente para o ocidente durante uma pequena meia hora, chegaremos a um monte sobre o qual está a casa de Luiz Mendes de Vasconcelos. Deste ponto pode o observador descortinar em torno de si a terra e contar uns seis ou sete engenhos; Este monte tem de um lado o rio Paraíba e do outro o rio... (em branco) que vem do engenho Espírito Santo e, passando por junto dele, sai no Paraíba.

A uma grande meia hora daí fica o engenho Espírito Santo, (22) que também pertenceu ao mencionado Manoel Pires Correia, e pela mesma razão foi confiscado e vendido a um mercador de Rotterdam, chamado Johan van Olen. Este, depois de o haver possuído durante dois anos, o vendeu a um mercador da Frisa chamado Mense Francen Aurenhout, que é o seu atual proprietário.

Do Espírito Santo uma légua para o ocidente, fica o engenho de bois pertencente aos herdeiros de Das Rochas, chamado... (em branco) e presentemente possuído por Manoel Correia Pastano. Está sobre a margem meridional do Paraíba e próximo a ele.

Daqui o rio prolonga-se diretamente para cima, geralmente ao ocidente e ao oés-sudoeste, até o engenho Tapuá (23), ou Itapuá como alguns dizem. Este engenho levantado e possuído por Antônio de Valadares, é o último e o que se acha situado mais acima no território desta Capitania. É movido por bois. Por junto dele corre um pequeno rio chamado Itapua, que vai ter no Paraíba. Tira o nome de uma pe-

dra ponteaguda (pois Itapia significa pedra pontuda) que está defronte deste pequeno rio no Paraíba. A meia légua do engenho para o sul se acha uma aldeia de índios que tem também o mesmo nome. É aí que o pequeno rio tem o seu começo, originando-se de vários veios d'água que se congregam.

De Tapuá o rio Paraíba prolonga-se ainda para cima, quase sempre ao ocidente e sudoeste, mas já não é habitado, notando-se apenas alguns currais o último e o mais afastado é o de Jerônimo Cavalcante, que fica seis léguas acima do Itapuá. Daí para o sertão a terra é ainda desconhecida.

No caminho para Tapuá e Espírito Santo fica uma lagoa, cujo circuito se pode fazer em meia hora; a água é salgada, e por isso se chama... *Lagoa Salgada*.

Daí partem também caminhos através dos desertos (chamados sertões) para Pernambuco, Goiana e outros lugares. Da Lagoa Salgada segue um caminho para o sul, conduzindo a alguns currais que existem nas baixas ou várzeas das nascentes do Mumbaba, isto é, aos lugares onde se forma ou toma começo o dito rio.

Este rio Mumbaba corre, como o Paraíba, para a região inferior com um percurso de cinco ou seis léguas, até que se reúne e confunde com o Gramame, e então perde o nome que tem.

Junto ao Mumbaba, em distância de duas a três léguas da cidade Frederica, moram vários portugueses, que se ocupam com o negócio da madeira e tabuado porquanto existem naquelas vizinhas boas árvores e bosques madeiros. O nome Mumbaba vem da palavra indígena *mombab*, quer dizer *lugar onde a guerra cessou*. A razão desta denominação é que os Potiguares, tendo tido guerra entre si nos tempos antigos fizeram a paz junto a este rio, e puseram termo às suas hostilidades.

*Garamama* é o nome do vizinho rio ao sul do Mumbaba. Vem um pouco mais do interior do que este último. A distância entre os dois rios é, na parte mais larga, duas léguas. Saem nele vários rios pequenos, particularmente um que corre do sul, e vem dos montes, passando por junto da casa do padre Manoel Paes Sampaio, e do caminho de Goiana, o qual rio os índios chamam *Suasugaia*, que significa *rabo de porco*; a razão por que este pequeno rio assim se chama, nós a ignoramos.

O caminho comum da cidade Frederica para Goiana passa pelos rios Mumbaba e Gramame. Cerca de uma légua

abaixo do dito caminho, os dois rios se reúnem, e aí um outro pequeno rio chamado *Naussuree*, que corre dos montes do Gramame do oriente para o ocidente, se mistura também com o Mumbaba.

O Gramame corre daquele ponto para o oriente com o percurso de duas a três léguas, e deságua no mar ao sul do Cabo Branco, em cujos contornos moram vários pescadores. No interior o rio é também habitado por alguns Portugueses, que vivem de plantar roças e fabricar farinhas. Outrora também existiram dois engenhos às margens deste rio em distância de duas léguas da praia. Foram levantados por Jorge Thomás, senhor deste distrito de Gramame; mas, como a cana-de-açúcar, não se dá bem nesta parte, deixaram os engenhos cair em ruínas; a terra está plantada de mandioca, e também produz milho e frutos de terra, bem como se cria gado.

O nome deste rio Gramame vem de um Tapuia chamado Guará, que foi preso pelos Potiguares, e confiado a certa índia para guardá-lo e tratá-lo bem até o dia em que eles resolvessem comê-lo. A mulher desempenhou-se tão bem do encargo de cuidar do preso que começaram a amar-se mutuamente, o que foi notado pelos principais da aldeia; não querendo porém estes renunciar o seu intento nem tampouco afligir a mulher empregando a violência, aproveitaram uma ocasião em que a índia saía da aldeia para tomarem o preso e conduzirem-no ao rio, onde pretendiam dar-lhe morte com as suas costumeiras solenidades. A índia, ou porque voltou de pronto à aldeia ou por outros meios, veio a saber do caso, e correndo ao lugar, tomou a vítima nos braços, e a abraçou dizendo: "Ó guará mama", o que quer dizer *meu Guará, eles te querem matar*. Donde procederia o nome que nesse lugar tomou o rio.

Neste distrito do Gramame, ao sul do rio e cerca de duas léguas da costa, existiam também duas belas aldeias chamadas *Joacaca* e... *Pindaúna*. *Joacaca* é uma palavra brasileira que significa: *abraça-me*, pois nesse lugar os índios surpreenderam uma mulher brasileira *potiguar* que se achava à sombra com um Tapuia, e lhe dizia — *t'cheakoka, abraça-me* (24)

O lugar conservou esse nome, e foi aí levantada uma aldeia também assim chamada.

*Pindaúna* era o nome do potiguar que construiu as primeiras casas, onde está agora a aldeia do mesmo nome. Em língua brasileira significa *anzol preto*, pois entre essa

gente é costume tomar-se o nome ou de alguma coisa da natureza ou de objeto usado por eles.

Estas aldeias foram abandonadas no ano de 1636, com aprovação do diretor da Capitania, para evitarem os índios as invasões ou os assaltos dos inimigos.

Durante certo tempo permaneceram os índios na cidade Frederica à custa da Companhia, à qual por sua vez prestavam serviço, fazendo entradas e guardas como soldados, até que se lhes designou um lugar que fica a um quarto de hora ao sul da cidade, no caminho que segue para Tibiry, bem como para Goiana. Quando S. Exc. o conde Maurício de Nassau tomou o forte de Porto Calvo, essa aldeia ainda não estava construída; e supondo os índios que não se achavam mais sujeitos aos assaltos dos inimigos, pediram ao diretor desta Capitania que lhes permitisse abandonar a nova aldeia (à qual se começou a dar o nome de *Cost-verloren*) e voltar às antigas, o que lhes foi concedido. Propuseram porém os principais que se lhes desse um lugar capaz entre as duas aldeias abandonadas de *Jococa* e *Pindaúna* onde desejavam construir uma aldeia para habitarem conjuntamente, tanto mais quanto as antigas estavam de tal modo arruinadas que eles preferiam (com os restos delas) levantar uma nova. Ordenou-lhes pois que construíssem ali uma nova aldeia, à qual se deu o nome de Maurícia, e se nomeou para o seu capitão o inglês João Harrison; porquanto cada aldeia tem o seu capitão que é ou neerlandês ou alguma pessoa escolhida dentre os nossos aliados, a fim de mandar sobre ela e vigiar que sejam os índios mantidos em disciplina, instruídos no verdadeiro culto. Para o qual fim também se pôs na referida aldeia um ministro com um consolador dos doentes (*ziecken trooster*), o qual vai de uma a outra a doutrinar os índios na religião.

Do Gramame segue um caminho pelas campinas o qual passa meia légua à mão direita por diante desta aldeia assim como dela segue um outro, e sobre as ditas campinas se reúnem ambos procurando o rio Taperubu, que se passa para ir a Goiana e a Pernambuco. *Campina* é a terra alta ou tabuleiro do Gramame que do mesmo rio ao Taperubu tem quatro léguas de largo.

O rio Taperubu separa a Capitania da Paraíba da de Goiana; para baixo confunde-se com o rio Popoca. Não é povoado, posto que aí se encontra terra boa para se plantar mandioca e fazer farinha.

Diz-se que nos tempos antigos, não longe do lugar on-

de o caminho passa nesse rio, houve algumas casas de índios, as quais foram abandonadas e por isso denominadas em língua brasilica *Tapero*, o que significa *casa onde ninguém habita* (25). Ouboug ou ubug quer dizer *índio verde* (*groene indiaen*), de sorte que a palavra *Taperubugh* significa *as casas abandonadas pelo índio verde*, donde se deriva o nome deste rio.

Este rio no mar, e já então não se chama mais *Taperubu* e sim *Popoca*, não fica longe daí o porto francês, o qual é o primeiro onde os franceses foram fazer o seu tráfico com os *Potiguares* ou naturais da terra.

Quatro ou cinco léguas desta baía para o norte se acha o *Cabo Branco*; é uma ponta que se faz mui branca a quem vem do mar, e por isso assim se chama. Daí até o *Cabedelo* ou barra do *Paraíba* se contam diretamente quatro léguas pelo mar, mas por terra contam-se seguramente seis por causa da grande curva que faz a costa, a modo de meia lua. Foi nesta curva que fundeou a armada holandesa.

Do *Cabedelo* para além da barra do *Paraíba* está *Ponta de Lucena*; a direção é através dos baixios uma grande légua para o noroeste. Esta ponta é muito proeminente; ao norte dela sai no mar um *desaguadouro*. Aí habitou outrora um homem que transportava as pessoas (de um lado para o outro) em uma barca, donde vem o nome de *ponta de Lucena*.

Segue-se uma terra alta, formando como um monte que se interrompe ao lado do mar, pelo que os nossos navegantes a chamam *Roodelandt* (terra vermelha), e os Portugueses *Os Barreiros do Miriri*. Atrás da *Ponta de Lucena* há uma enseada ou baía que fica defronte da dita terra vermelha; os navios, que se acham na *Paraíba* quase de todo carregados, aportam aí para tomar água e o que lhes falta para complemento da carga.

O rio *Miriri* vem de muito dentro do sertão, mas é pouco habitado, notando-se apenas nas suas vizinhanças alguns currais (26). A cinco ou seis léguas da costa existe também um engenho neste rio; está em ruínas e os seus campos de plantação de cana incultos; era movido por bois, e chamava-se engenho do *Miriri*. O dono habita ainda nele; é *Francisco Alvarez da Silveira*, mas não dispõe dos meios necessários para levantar o seu engenho (27).

O *Miriri* é alimentado por vários rios pequenos, entre outros o *Jacupe* que corre junto a ele e nele desemboca (28). Como neste rio se encontra uma sorte de pássaros, que é ini-

migo das galinhas, chamado *jacu*, daí provém o nome que se lhe deu.

No rio Miriri e em distância de três léguas da costa havia uma aldeia com o mesmo nome, mas está em ruínas, e os índios moram agora junto às de Jacuípe e Pontal. O nome de Miriri vem de uma planta que dá ali em abundância, e em língua brasílica se chama *Meri*. Miriri quer pois dizer *água da planta ou erva meri*.

Entre esta aldeia arruinada e a praia este distrito se chama *Tapabara*. Aí moram alguns Portuguezes que vivem de serrar madeira, fazer farinha, criar gado (29).

Ao norte Miriri, antes de chegar-se ao rio Mongougoappi (Mamanguape) se encontra uma grande lagoa, a qual não começa longe da praia, e se prolonga em geral do oriente para o ocidente com a extensão de duas léguas. Chama-se lagoa *Piabaí*. Tem ao norte um desaguadouro ou estreito, por onde corre no rio Mongougoape, e fica entre os currais de Belchior de Ponto e um tal Woloso. Do lado do ocidente vem do interior a esta lagoa um escoadouro que não começa a mais de uma légua acima dela, chamado *Coroa Posema*. É um paul, que por sua forma semelha um rio. Ao longo da dita lagoa há vários currais. Pertence à freguesia de Mongougoape.

Da Ponta de Lucena a este rio há ao rumo do noroeste cinco léguas. Depois do Paraíba, o Mongougoape é o maior rio da Capitania; sai ao mar por duas bocas, fazendo no meio uma ilha que se chama dos Mangues pelos muitos que aí existem. Já atrás falamos dessas árvores.

Como vários rios pequenos vão ter no Mamanguape, os apontaremos (tanto temos notícias deles), começando de baixo para cima.

O rio *Perigisse* vem do norte e entra no Mamanguape um quarto (de légua?) abaixo do desaguadouro ou boca da lagoa *Piabaí*.

A margem setentrional uma légua dali acima do curral de Rafael de Gois, vem meter-se no Mamanguape um outro pequeno rio cujo nome não é conhecido.

A um grande quarto de légua deste corre do noroeste outro ribeiro chamado *Icolee*, que sai também no Mamanguape.

Meia légua acima passa por junto e ao oriente do curral de Diogo Borges um outro ribeiro que também sai naquele rio. Desse ribeiro à igreja paroquial de Mamanguape há uma pequena meia légua.

Da igreja até o rio Tapessoca à margem do sul há uma grande meia légua.

Este pequeno rio vem do sul e sudeste mete-se no Mamanguape.

Daí três quartos de légua para o ocidente corre do norte e noroeste um riozinho chamado *Leitumidi*, e deste ponto prolonga-se o Mamanguape para cima e légua e meia na direção do oés-sudoeste, sai nele o Pirpirituba, que vem do norte.

Este último rio vem obliquamente do interior, muito acima dos currais de João do Souto, e com as cheias correm rapidamente as suas águas. Entre o Pirpirituba e o Leitumidi há uma lagoa com meia légua de tamanho e distante uma pequena légua do Mamanguape.

Defronte da boca do Pirpirituba, à margem meridional do Mamanguape, um pouco para cima ao sudoeste e a um quarto de hora do rio, demora uma lagoa, chamada *Aniga*, que mal se pode rodear em uma hora.

Desta lagoa cerca de três quartos de léguas direita ao oriente, fica uma outra chamada *Jacaremiri*, que é metade mais pequena que a anterior. Está contígua à margem do rio, não tendo a terra que acha-se entre a lagoa e o rio maior largura do que teria um dique. Um quarto de légua do Jacaremiri ao sudoeste fica a lagoa *Potituba*, que tem seguramente meia légua de comprimento, e estende-se sul e norte. Ao sul fica um paul de cerca de uma légua de comprimento.

Três léguas ao noroeste da foz do Pirpirituba há uma grande lagoa, tendo seguramente uma légua de comprimento e meia légua de largura; estende-se norte e sul e chama-se *Tamuatumeri*. Junto a esta lagoa se encontram os currais de Antônio Pinto de Mendonça.

Rio Mamanguape acima, duas léguas ao sudoeste e este e ao oés-sudoeste da boca do Pirpirituba há uma outra lagoa chamada *Sarapoi*, que se pode rodear em uma pequena hora. Fica a um quarto de légua do grande rio, e aí se acham os currais de Rafael Carvalho da Lagoa Sarapoi até o Paul, onde o rio Itapororoca toma origem.

Para o ocidente, a uma grande meia légua daí começa o mencionado rio Itapororoca, que corre primeiramente ao noroeste depois ao ocidente, ao sudoeste e por último ao sul e sudeste, com a extensão (compreendidas todas as suas curvas) de quatro a cinco léguas, isto é donde começa até onde acaba no Mamanguape.



Ao noroeste, três léguas e meias da boca do rio Itapororoca, fica uma lagoa chamada *Popiri* (Pipiri) que só pode rodear em uma hora; leva a sua margem meridional até junto do mencionado rio.

Do Itapororoca meia légua ao oés-sudoeste pelo Mamanguape acima, sai na margem setentrional o rio *Quandu*. Daí prolonga-se o Mamanguape geralmente ao oeste e sudoeste pelo interior, sem que se saiba ainda onde ele tem a sua origem. Há aqui no Brasil quem diga ter ouvido de outros, que ali foram, lançar-se este rio de mui alto da serra da *Cupaoba*, fazendo um tal estrondo que quem estiver em sua vizinhança, não pode ouvir a voz ou conversar com outra pessoa por causa do barulho d'água.

Duas léguas da confluência do Mamanguape e *Quandu*, ao noroeste e oés-noroeste pelo *Quandu*, acima, vem do oés-sudoeste lançar-se neste último o *Nanaú* (Mandaú). Diretamente defronte da confluência do *Nanaú* e *Quandu* fica na margem setentrional deste uma aldeia de índios que também se chama *Quandu*, assim como tem o mesmo nome todo o distrito compreendido entre o *Quandu* e o *Nanaú*. Aí se acham os currais de Duarte Gomes da Silveira.

Uma pequena meia légua ao ocidente, ou melhor para o norte pelo rio *Quandu*, acima légua e meia ao oés-sudoeste, ou melhor para o sul subindo-se pelo pequeno rio *Manauá*, fica a aldeia assim chamada, onde se acham presentemente poucos índios, e os que existem são pela maior parte velhos, ou para aí fugiram das aldeias da região inferior; porquanto, marchando com S. Exc. ou tendo fugido das tropas, ou praticado algum outro delito em suas aldeias, vivem ali refugiados para evitarem o castigo.

Tais são os extremos limites da região que até o presente tem sido habitada pelos Portugueses ou por qualquer outro povo transoceânico.

Cinco ou seis léguas dos currais de Duarte Gomes da Silveira, para o ocidente e sudoeste, fica a terra ou serra da *Cupaoba*, ou como outros dizem *Ocupaoba* (30). Seus montes são mui altos e as suas encostas muito íngremes, e por essa razão o caminho de que se tem servido alguns viajantes curiosos, corre obliquamente ao longo da serra, de sorte que se há de passar um dia inteiro a percorrê-lo para se chegar acima. Sendo aí chegado, encontra-se uma planície grande e igual, e tão extensa é que ninguém ainda foi até a outra extremidade. O ar é salubre e mui temperado;

à noite sente-se aí mais frio do que nas regiões inferiores do Brasil, o que é certamente a altura.

Pessoas que aí estiveram afirmam ter visto em algumas noites o campo aberto de geadas. Os curiosos também puseram à prova a fertilidade dessas terras, e não somente verificaram que são próprias para a cana e outras novidades do Brasil, senão também para os cereais, a vinha e vários produtos da Europa; pois as ditas terras não são tão sujeitas às formigas, como as outras partes do Brasil (31). São regadas por vários rios d'água doce que na época das chuvas daí se escoam com grande ruído.

Depois que os primeiros descobridores experimentaram a fertilidade dessas terras, empregaram esforços para atrair de Pernambuco algumas famílias que fossem estabelecer-se em Cupaoba, mediante promessa de lhes ser fornecido todo o necessário mantimento por espaço de um ano, até que produzissem com o seu trabalho frutos bastante para a sustentação da vida. Como porém as pessoas que já se tinham estabelecido para cultivar terras novas, não se mostraram mui dispostas a emigrar, o zelo afrouxou um pouco. Nesse entretanto a privilegiada Companhia das Índias Ocidentais das Províncias Unidas Neerlandesas tendo conquistado Pernambuco e trazido a guerra ao Brasil, os descobridores perderam inteiramente a vontade de povoar essas regiões e levar mais longe os seus descobrimentos. Deixaremos agora esta serra da Cupaoba e desceremos pelo Mamanguape até a costa; mas, antes de voltarmos ao norte, indagaremos por que razão o Mamanguape (Mongouppi) assim se chama.

Sobre a explicação deste nome são várias as opiniões dos habitantes destas regiões. Pretendem alguns que o rio assim se chama por causa da ilha dos Naguas (mangues: que fica junto à praia. Outros dizem, que como este rio tem muitos lugares paludosos, onde abundam as rãs, cujo nome é *Mangoa Vaguaba*, daí a denominação que tem. Outros enfim explicam, que morando os primeiros Potiguares ao longo da praia, e remontando o rio para descobrir a sua origem disseram muitas vezes *Mamouguappe*, o que significa: *rio para onde vós correis ou ides*.

Da ilha das Monguas ou boca do Mamanguape seguem-se duas léguas ao noroeste até à Baía da Traição (32). É uma larga e mui grande baía, onde acharia abrigo uma armada tão poderosa como a que presentemente se poderia equipar (na Holanda) para sair ao mar. O general Bou-

dewyn Heyns se deteve aí por muito tempo no ano de (em branco) com sua armada e fez várias entradas por terra nos distritos do Mamanguape e Camaratuba. Havia aí uma aldeia de índios que tomou partido pelo general Boudwyn Heyns e os seus enquanto ele se demorou nesta baía, e mui bons serviços lhe prestaram pelo que, depois da partida da armada, foram reduzidos à escravidão por ordem do rei da Espanha, para sofrerem assim o castigo de sua rebelião contra o mesmo rei; de modo que desde o ano de 1628 essa aldeia arruinou-se e foi abandonada.

O nome de *Baía da Traição* (33) parece-lhe ter sido dado pelos Portugueses, o que faz supor que alguma traição foi aí praticada ou da parte dos habitantes para com os Portugueses, ou da parte dos Portugueses para com os habitantes, ou destes ou daqueles entre si donde a baía recebeu o seu nome; pois os Potiguares dessa região dizem que entre eles esta baía sempre se chamou *Tibira Caiutuba* ou *Caciouael de Tibera*, o que significa o *cajual da sodomia*, o qual pecado parece que no tempo passado era cometido nesse cajual.

O caju é um fruto que tem uma forma semelhante à das maçãs da Europa; é esponjoso, um pouco adstringente e muito suculento, os índios espremem o suco para fazer beberagem, com que completamente se embebedam, e então se abandonam a grosseiros e bárbaros pecados. Essa fruta amadurece somente uma vez por ano, a saber, em dezembro e janeiro, na qual época os índios, por amor do caju, não têm muito gosto pelo trabalho.

Um pouco ao norte da Baía da Traição sai ao mar o rio *Camaratuba*, prolongando-se pelo interior, como o Mamanguape, geralmente ao nordeste e ao sudoeste. Ao longo dele há vários currais onde moram muitos criadores. Contudo não é tão habitado para o interior quanto o Mamanguape.

Rio acima, a três ou quatro léguas da praia, fica o engenho chamado Camaratuba em razão do nome que o rio tem; o seu proprietário é ainda o mesmo indivíduo que o levantou no ano de... (em branco) chamado Antônio Barbalho. Por ocasião da estada do general Boudewyn Heyns na Baía da Traição, este homem ficou inteiramente arruinado, de sorte que o engenho decaíu, e por causa da penúria do proprietário não pode ser posto a moer.

Uma légua acima do engenho, vem do sul um pequeno rio chamado Taipitina meter-se no Camaratuba, acima

do qual e duas léguas afastadas do dito engenho existiu outrora a aldeia *Maripitanga* que se acha de presente inteiramente arruinada, e os índios espalhados por outras aldeias.

Há ainda outros pequenos rios que saem no Camaratuba, e por isso não os notaremos.

Pelo rio acima cinco, seis ou sete léguas do dito engenho se encontram belas pastagens para o gado, e o gado aí tem boa disposição para engordar. Abundam os morcegos e são do tamanho das gralhas da Holanda; à noite eles vêm aos bandos atacar o gado, e podem matar uma rês às dentadas e comê-la.

\* *Camaratuba* quer dizer em língua brasílica *lugar onde cresce certa erva chamada Camera*, a qual dá sem cultura e tem pequenas flores amarelas; e *tuba* significa o pai e a mãe de tal planta. É uma maneira de falar como quando dizemos que a natureza é a produtora ou a mãe de todos os frutos. Por isso denominaram eles esta região e o rio *mãe da dita planta*.

Do engenho para o noroeste, uma légua sobre as campinas ou terras altas, fica o rio *Ipitanga* que corre entre os montes. As suas margens se encontram dois ou três currais, que presentemente não são habitados; vagueia ainda aí algum gado no estado selvagem.

Cerca de uma légua e meia abaixo do engenho confunde-se este rio com o Camaratuba. As suas águas parecem avermelhadas, donde procede o nome que tem, pois *Ipitanga* significa *água vermelha* (34).

Uma légua ao noroeste do passo ou caminho do *Ipitanga*, além das campinas ou tabuleiros, fica o rio *Eriorene*, palavra que em língua brasílica significa *mel preto*. Se este nome procede de que o rio tenha as águas de um vermelho escuro, ou de existir propriamente nessas vizinhanças um mel de cor negra em seu estado natural, é o que ainda não sabemos.

Na margem setentrional do mesmo rio, junto ao passo, existe um marco de pedra, no qual está escrito *Paraíba* na face do sul, e *Rio Grande* na face do norte, assinalando assim o rio separa as duas capitánias da Paraíba e Rio Grande.

O *Eriorene* mistura-se na praia com um outro pequeno, chamado *Wasju*, desemboca no mar ao sul da Baía Formosa a duas léguas do Camaratuba.

Do rio *Popoca* ao sul, onde se perde o *Taperubu*, ao longo da costa para o norte, até o rio *Wasju*, onde se perde o

Eriorene, estende-se a Capitania da Paraíba, medindo quinze ou dezesseis léguas de comprimento. Se não se contar porém diretamente por mar, e se tivermos em atenção as suas curvas e pontas ao longo da praia, então sua extensão é muito maior.

## DA FERTILIDADE DA CAPITANIA DA PARAÍBA

Os sábios antigos, querendo descrever um ar temperado e acomodado à saúde do homem, têm, em todos os tempos, discorrido sobre os princípios ou substâncias, que chamamos elementos, — o fogo, o ar, a água e a terra — de que se compõem todos os seres existentes; sendo os mesmos elementos moderados e de boa natureza, deve resultar de sua real união um ser também moderado e bem dotado. Esse ser, se tomarmos pelos quatro elementos mesmos, um dos quais não é sem um outro, nós acharemos tão bom quando for próprio para, por sua virtude, fazer bom o outro, ao passo que, se for ao contrário corrompido, há de ser sempre mau para corromper o outro. Dizemos pois que um calor temperado sendo sob a água e a terra, conserva também a atmosfera moderada e saudável para entreter a vida; pelo contrário um ar viciado não somente lança a desarmonia nas criaturas vivas, como envenena também os frutos e tudo que a água e a terra produzem de útil para a vida humana.

Tendo bem observado essas coisas na província da Paraíba, achamos um ar sutil, e, segundo a natureza daquele clima, de todo temperado e saudável; o calor que no mesmo ar se difunde, não é excessivo mostrando a experiência que, por causa desse temperamento, esta zona mal se pode denominar de *tórrida*. Assim a terra ali não é tão abrasada quanto as da África sob o mesmo clima. Pelo contrário, por toda a parte verdeja e se cobre de folhagens, como sucede na Europa; nos lugares os mais secos se encontram relva e moitas ou capoeiras (Kreupelbosch), além de que a terra é por toda a parte mui matagosa e se cobre de toda a sorte de caniços (riet), ervas e árvores, formando uma espessura tal que impede a passagem. Tem excelentes águas e particularmente claras fontes de água doce e potável, além dos seus rios belos, grandes e piscosos, os quais não somente fornecem água boa para se beber senão também peixes, ostras e outros mantimentos, bem como são próprios para se subir ou descer por eles em pequenas embarcações, e as-

sim com pouco trabalho tirar-se de uns e levar-se a outros o que se necessita para a vida e o que se considera útil e proveitoso para a construção urbana.

A Capitania da Paraíba, como foi larga e particularmente referido acima, tem ao longo dos seus rios dezenove engenhos, a saber, nove do lado sul e dez do lado do norte, com mui formosos canaviais, tão belos certamente, quanto os que se vêem em algumas outras regiões do Brasil. As madeiras, que são um dos materiais mais necessários para os engenhos, os habitantes as têm quase todas tão próximas e situadas ao alcance da mão, quanto quaisquer outros engenhos em todo o Brasil (35).

Em razão da abundância e fertilidade dos bosques desta Capitania moram nela muitos roceiros, e produtores de farinha e cultores de arroz, milho e outros frutos da terra; pois aí se diz, como um ditado, que onde a madeira e o bosque crescem bem, igualmente vingará bem a mandioca, isto é, a raiz de que se faz a farinha.

Essa farinha é o pão do Brasil, de que geralmente aí se vive.

O vegetal de que se faz a farinha é plantado em chão, cujo mato se cortou e queimou, isto é, os pauzinhos (da raiz) que se cortam dando-se-lhes o comprimento de meia vara (ele), os quais apenas são enterrados no solo, amontoando-se a terra em torno para formar como um montículo de toupeira, acima do qual os pauzinhos se elevam um dedo de altura. Essa plantação se faz nos meses de janeiro e agosto; brota logo uma raiz que se chama *mandioca*, e cresce até atingir a altura de um homem e ainda mais alto. Depois de um ano ou ano e meio essa raiz está de vez para se fazer a farinha. Tendo sido extraída e bem raspada, é posta contra uma roda revestida de lâminas ou raspadeiras de cobre, a qual sendo movida por uma outra, raspa miúdo a dita raiz.

Isto feito, eles metem, as raspas em uma prensa, como lagar de vinha, e espremem o succo, que é venenoso; depois colocam o resíduo em uma espaçosa torradeira, fixada sobre um forno ou fogareiro, e deixam-no secar até que fique como pó-de-serra. É então farinha, e aproveitam-na e servem-se dela com toda a sorte de alimento em lugar de pão (36).

O arroz que esta Capitania produz é, conquanto bom, mui pouco; depois o trabalho é aí tão caro ou precioso (*costryck*), que a essas coisas miúdas não se presta muita aten-

ção, tendo cada um os olhos fitos no açúcar, que é o que dá o máximo proveito.

O milho chamado na Holanda *fromento da Turquia* (iurksche tarwe), é produzido aí em quantidade e serve para alimentar os escravos negros; também o dão geralmente aos cavalos em lugar de aveia. Amadurece duas vezes por ano, a 1.<sup>a</sup> vez em maio e a segunda em setembro e outubro.

Esta Capitania produz duas espécies de favas, mui próprias para alimento; a maior é um pouco mais larga e maior do que as favas grandes da Holanda, bem como mais chata, inteiramente branca, tendo as vagens mais delgadas, e é mais agradável ao paladar do que as nossas. As pequenas não diferem muito das favas turcas conquanto sejam um pouco menores e não tão boas; quanto ao mais têm as mesmas folhas e crescem também ao longo do chão.

Os frutos das árvores ou frutas são laranjas, limas, limões, cocos, bananas, pacovas, etc., de que bastante se tem dito na descrição das Índias e da África.

Há aí uma outra fruta chamada mangaba, completamente semelhante ao damasco. Depois de colhida, deve ser guardada durante dois ou três dias, e então se acha no seu melhor estado. Interiormente tem alguns caroços, como a hespera, mas em maior número. É uma das frutas mais agradáveis do Brasil; mas não dá nesta Capitania em tanta abundância quanto em Pernambuco.

Dá uma outra fruta chamada maçaranduba (37) do tamanho da cereja, redonda, e um pouco avermelhada, e as árvores são como as ameixeiras. É uma fruta mui doce e própria para fazer o fluxo, bem como as *choabes* (goiabas), que por dentro são vermelhas e mui granulosas, e mui refrigerantes.

Há ainda uma fruta chamada *marquiza* (maracujá), de que existem duas espécies. As maiores são do tamanho de um ovo de ganso e as menores do tamanho de um ovo de galinha. Quando se corta, vê-se que é granulosa, como a romã, mas de um azul-escuro. É um agradável fruto para comer-se. Das cascas se fazem doces mui gostosos (38).

Já falei do caju. Quando é tempo deles, é uma das frutas mais proveitosas de todo o Brasil (39). Além de ser mui própria para matar-se a sede, tem na extremidade uma castanha que contém um certo óleo entre as duas cascas superiores; esse óleo é tão picante e penetrante, que caindo no beijo de alguém, caustica, e abre um buraco imediata-

mente, contudo é próprio para arder em lâmpada. A dita castanha sendo assada, é excelente para se comer em lugar de pão; é muito mais gostosa do que as amêndoas (40).

Os índios encontram nesta Capitania uma fruta chamada *jendepaap* ou jenipoba (Jenipapo), a qual, enquanto está verde e não amadurece, serve mui bem para tingir de preto; o sumo é tão claro como a água mas quando cai sobre um objeto, em secando, tinge de preto. Quando o jenipapo está maduro e cai por si mesmo, tem o aspecto de uma pera podre ou fervida, mas não é tão grande. O sumo que se espreme do jenipapo tem um gosto semelhante ao mosto do vinho francês (41).

Encontram-se nesta Capitania figos como os de Portugal, mas são poucos, bem como crescem figos selvagens na extremidade dos grandes cardos (42).

Entre os frutos de terra notam-se as batatas, semelhantes na forma e no tamanho aos nabos da nossa terra, mas são mais secas e gostosas; pouco ou ante nada diferem (a não ser no tamanho) das glandes (de terra), e muitos a consideram como as glandes do Brasil.

Melões, abóboras, pepinos e outros frutos que tais os há aí mui belos e em quantidade no correr de todo o ano; ao lado dos quais figura um fruto com a forma de abóbora verde, não tão comprido, e mais arredondado, por dentro é de um vermelho escuro, tendo geralmente caroços pretos. Os Portugueses o chamam *balansin* (melancia), e os nossos melões d'água; é aquoso e frio por natureza, mas mui doce e agradável para se matar a sede.

Também não faltam os ananases: esta Capitania os dá tão bonitos e grandes como se vêem em algumas partes das Índias (43).

Há aí ainda bonitas uvas assim moscatéis como outras uvas brancas; mas como essas coisas dão pouco proveito e muito trabalho para guardá-las, pouca diligência se faz para o fim de produzi-las em quantidade (44).

Além de toda essa uberdade das terras e campos, é esta Capitania provida de toda a sorte de quadrúpedes que ~~servem assim para mantimento~~, como para o trabalho agrícola; porquanto Mamanguape, Camaratuba, Miriri, Mumbaba e Gramame produzem bois (45), carneiros, cabras, porcos e outros quejandos animais, em quantidade superior àquela de que necessita a Capitania para si mesma. Também aí se encontram os melhores cavalos de sela do Brasil.

Também há abundância de animais selvagens, como



veado, o cabrito montês, o porco-do-mato e o porco aquático (capivara), o coelho e várias outras sortes de caça que seria longo enumerar aqui (46).

A praia em toda a sua extensão é ocupada por pescadores que fazem vida somente da pesca, e nela empregam escravos. Pescam, de agosto a fevereiro e março, uma espécie de peixe chamado *Teinkes* (tainhas) que os nossos chamam *Harder* (*Mugil*). Deita-se-lhe um pouco de sal e seca-se ao sol: todos os moradores da terra dela se alimentam, e sem isto os engenhos não poderiam manter-se.

Como esta região tem o mesmo clima das Índias que produzem as especiarias; não é menos fértil em plantas medicinais e raízes, como drogas, de que vamos brevemente tratar, expondo o que a este respeito chegou ao nosso conhecimento. A pimenta do Brasil que é de todas a mais picante e ardente, nasce aí por toda a parte, e dela há diversas espécies. As maiores, de cor de sangue e tendo um dedo de comprimento, são as mais fracas. Segue-se uma outra espécie, a daquelas que, tendo o comprimento de uma pjalange, são ora verdes, ora vermelhas; é usada, e, como a primeira espécie, o seu ardor é do primeiro grão. Depois desta há uma outra espécie de pimentas pequenas, como as ervilhas brancas pequenas, são vermelhas e algumas um pouco oblongas, e do mesmo tamanho; o seu ardor é do segundo grão. As outras espécies são duas, uma de pimentas pequenas e pontudas, e a outra de pimentas semelhantes às cerejas miúdas e ordinárias da Neerlanda, cujo calor é do terceiro grão. As pontudas se chamam *achi*, e têm duas vezes o tamanho de um grão de cevada. No Brasil as têm por mais sadias do que qualquer pimenta da Índia, e servem-se delas no alimento.

*Piper longum* ou pimenta comprida dá aí nos bosques e ao longo dos caminhos em grande quantidade, como plantas agrestes. Outro tanto diremos do gengibre, o qual é tão comum que ninguém se dá ao trabalho de ajuntá-lo.

Em terras do Brasil nunca vimos a canafístula senão na Paraíba; cremos porém que também foi introduzida em Pernambuco e outros lugares. Parece-nos que a este respeito bastante se acha escrito.

*Radix china* ou a mesma raiz, posto que não seja da China, dá em abundância no Brasil, e certamente é tão vigorosa e própria para a cura da bexiga, para a purificação do sangue e para combater outras moléstias quanto a da

China. Tem-se-lhe dado o nome de *Radix Brasilica* para distingui-la da da China.

A *Mecheocana* é aí tão abundante que ninguém se dá ao trabalho de a secar. Verificaram algumas pessoas, que raspam essa raiz verde, espremeram o seu suco e o coagularam ao sol, firmando como uma cabecinha de carneiro do de uma fava, e tomaram essa substância com um pouco de vinho, que é ela o purgante o mais brando e agradável que se pode cogitar dentre os remédios que menos enfraquecem o corpo.

A *Caloquintida* se acha aí em vários lugares e em grande quantidade.

O anil, isto é, a planta de que se faz o anil, dá aí em tal abundância no estado natural, como se a tivessem plantado. Atinge a altura de um homem, tem as folhas e as ramas semelhantes às da ervilhaca ou ervilhas selvagens da Neerlanda. Aqui na terra existem ainda os Portugueses que lembram-se de ter sido permitido outrora fazer-se anil; mas esta indústria foi posteriormente vedada pelo rei para não se privar as Índias Ocidentais do seu negócio (47).

Além do pau-brasil, há outros vegetais que servem para a tinturaria, como certas cascas de árvores que tingem de uma bonita cor de púrpura, certo pau que tinge de um preto firme e mais claro, sem azular, um fruto encerrado em pequenos invólucros, chamado *urucu*, que tinge de uma bela cor de laranja. Como essas coisas porém ainda não são conhecidas as investiguem os curiosos (48).

Também há aí diversas sortes de gomas, porque essa terra é muito rica de árvores e matos. A goma é comum e ordinária que serve para lustrar (Klandergom) corre do cajueiro, é espessa e mesmo mais espessa do que a própria árvore. Tira-se também de outras, mas geralmente do cajueiro.

Achei a goma-laca na Paraíba e em nenhuma outra parte do Brasil, o que aconteceu por acaso, vendo-a a pender de árvores pequenas, com uma cor tão vermelha, como a do coral. Era tão viçosa quanto flexível tomeia-a em um papel e, tendo-a mostrado a diversas pessoas, perguntando o que isso era, me disseram ser goma-laca. Depois encontrei um velho Português que a sabia preparar para servir de lacre, e indicou os lugares onde existiam muitas das pequenas árvores daquela espécie, das quais emana a dita goma, sendo às mais das vezes, encontrada nos meses de agosto e setembro. Há aí muitas pessoas que para selarem as

cartas, não se servem senão da goma pura, como é tirada das árvores; mas sendo passada pela vela ou pelo fogo, e gotejada no papel, se faz escura e antes preta do que vermelha.

Há uma árvore nas matas do Brasil, cuja casca por fora, é em algumas épocas mui branca, pegajosa e áspera aos dedos, como resina pulverizada, e tem um cheiro agradável. Nem os moradores Portuguezes nem os naturais da terra sabem servir-se desse vegetal para algum fim, somente tiram do pau incerto óleo, que dizem ser excelente contra o frio, gota ou entorpecimento causado pelo frio nos braços ou nas pernas. Esse óleo tem um cheiro mui semelhante ao da mesma goma.

Há mais várias plantas balsâmicas que são usadas pelos índios contra diferentes dores e accidentes, mas até o presente não são conhecidas dos nossos pelo que as deixaremos para as investigações dos curiosos.

O solo da Paraíba em vários lugares e particularmente no sertão é tido por mui salitroso, do que dão testemunho as águas e os ribeiros dos mesmos lugares, e os que são entendidos em minerais, tendo feito indagações a este respeito, afirmam que esta Capitania pode dar rico salitre.

Acerca de outros metais preciosos, como o ouro e a prata, são encontradas as opiniões, sem que até o presente se tenha verificado com segurança alguma coisa a tal respeito.

## BREVE DESCRIÇÃO DOS COSTUMES DOS TAPUIAS

Como nos referimos na descrição da Paraíba a algumas guerras que os índios brasilienses e naturais desta região tiveram com os seus vizinhos, os Tapuias, não nos parece fora de propósito dizer agora alguma coisa acerca da vida e costumes destes últimos.

Os Tapuias formam um povo que habita no interior para o lado do ocidente sobre os montes e em sua vizinhança, em lugares que são os limites os mais afastados das Capitánias ora ocupadas pelos brancos, assim neerlandeses como portuguezes. Dividem-se em várias nações. Alguns habitam transversalmente a Pernambuco, são os *Cariris*, cujo rei se chama *Keriouskeiou*. Uma outra nação reside um pouco mais longe, é a dos *Caririwasys*, e o seu rei se chama *Karupoto*. Há uma terceira nação, cujos índios se chamam *Careryjouws* (*Carijós?*). Conhecemos particularmente a na-

ção dos Tapuias chamados *Tarairyou*, *Janduwy* é o rei de uma parte dela, e *Cararaca* da outra (49).

As terras destes se acham ao ocidente do Rio Grande e Cunhaú. Não têm lugares certos ou aldeias onde morrem; vagueiam, ora demorando-se em um sítio, ora em outro. Na estação do caju, que é em novembro, dezembro e janeiro, descem às praias porquanto pouco ou nenhum caju se encontra muito para o interior. Assim regulam-se pelas estações do ano para procurarem o seu alimento.

Este povo de Tapuias é robusto e de grande estatura, os seus ossos são grossos e fortes, a cabeça grande e espessa, a sua cor natural é atrigueirada (*bruynachtich*), o cabelo é preto, e de ordinário o trazem pendente sobre o pescoço, mas por diante até acima das orelhas cortam-no igualmente, o que faz parecer que trazem um *boné* sobre a cabeça. Contudo alguns deixam cortar todo o cabelo ao modo dos da nossa nação. Têm o cabelo mui grosso e áspero.

Andam inteiramente nus, exceto em algumas ocasiões de festa, ou quando vão à guerra, porque então geralmente cobrem o corpo de penas de arara (que são os corvos das Índias Ocidentais), de *marganaus* (maracanãs?), papagaios e periquitos, que entre eles são mui formosos. Puxam a pele sobre o membro viril, e o prendem com um atilho, de modo que fique todo metido no corpo. Esse liame é a folha da figueira com que encobrem as suas vergonhas, e soltando-se ou rompendo-se, é isto tão escandaloso para eles quanto seria entre nós descobrir alguém as suas partes pudendas.

Não usam barba nem trazem cabelo em alguma parte do corpo. Tanto que algum cabelo começa a aparecer, logo o arrancam, e assim impedem o seu ulterior crescimento.

São homens incultos e ignorantes, sem nenhum conhecimento do verdadeiro Deus ou dos seus preceitos; servem, pelo contrário, ao diabo ou quaisquer espíritos maus, como tratando com eles temos muitas vezes observado. Para esse fim têm eles os seus feiticeiros, que são tidos em grande consideração. Quando saem a guerrear contra os seus inimigos e querem saber como lhes sucederá a empresa, ou quando se acham longe dos seus amigos e desejam saber como eles passam, ou quem será morto ou não, esses tais feiticeiros sabem vários modos de fazer vir o espírito ter com eles debaixo da forma que desejam, mas geralmente com sua própria figura, como se fora também um Tapuia. Deixam-no percorrer o seu corpo sob a forma de uma mosca ou de

outro animalzinho para lhes predizer coisas futuras que de-  
sejam saber, e com toda a segurança se fiam das palavras  
que o espírito lhes diz.

Quando os soldados ao serviço da Companhia das Índias Ocidentais foram, sob o comando do chefe Artszowski, conquistar a barra de Cunhaú no Rio Grande, auxiliados pelos Tapuias do rio Jan Duwy, vários capitães neerlandeses viram e testemunharam que eles faziam vir a sua presença o diabo sob a figura de um tapuia, mas tendo uma perna somente e falando com uma voz muito fina, como de mulher, e não podia, aliás, ser conhecido por eles. Quando o espírito desapareceu ou esvaeceu-se ante os seus olhos, começaram todas as mulheres a chorar e a gritar, como o que parecia honrá-lo; porquanto, quando querem dar sinais ou contentamento, o fazem por meio do pranto e berreiro das mulheres.

Esta nação é mui submissa ao seu chefe e inteiramente obediente às suas ordens, sobretudo quando saem com ela a combater o inimigo; então o rei deve ir adiante e tem grande autoridade, mas quando se acha em casa ou longe dos inimigos, não é tão honrado.

Como este povo anda nu, segundo fica dito, não se pode distinguir o rei e os maiores senhores pela excelência dos vestidos, mas somente pelo cabelo e pelas unhas dos dedos. O cabelo do rei é cortado na cabeça como uma coroa, e em ambos os polegares ele traz as unhas compridas, o que, fora dele, ninguém mais pode trazer. Os seus amigos e capitães têm as unhas compridas em todos os dedos, exceto nos polegares, cujas unhas cortam rente para não minguar a honra do rei. Quanto ao mais, é entre eles mais honrado quem tiver as unhas dos dedos mais compridas.

Esta gente é mui própria para perseguir o inimigo em fuga, pois todos sem distinção são mui fortes no correr, venceriam um cavalo; e na ocasião da vitória são mui propensos a matar indistintamente, usam uma arma feita de pau-brasil, plana e aguda de ambos os lados, no meio um pouco grossa e levantada, na frente tem a largura de uma mão grande e é mui penetrante com a qual arma tocando eles alguém esse não se levantará mais do chão. Usam também de arco e setas e geralmente de azagaias, com o que podem trazer muito dano entre os seus inimigos porquanto lançam-nas com muito acerto. Para isso servem-se de umas madeiras leves, que em comprimento fazem iguais à metade das azagaias; abrem em ditas madeiras um rego, onde colocam as aza-

gaias, e as atiram com tal velocidade que, não encontrando nenhum osso, atravessarão um corpo de um homem nu. Usam ainda de pequenos machados de mão com os cabos compridos, como arma contra os seus inimigos. Da arma dos nossos soldados não fazem caso, dizendo que são obras ou artes do diabo.

Não marcham em ordem, e sim correm em confusão. Contudo sabem pôr as suas emboscadas, donde fazem muito mal aos seus inimigos, o que os nossos soldados dão testemunho de ter visto várias vezes praticado por eles.

Levam uma vida inteiramente bestial e descuidosa. Não semeiam, não plantam nem se esforçam por fazer alguma provisão de víveres. Quando vão a algum lugar na região interior fora de suas terras, onde há gado ou outros animais, postos que sejam selvagens e não se deixam apinhar nos bosques, eles podem todavia alcançá-los e atirar-lhes as suas azagaias, de modo que os abatem, e por então fazem disso seu alimento. Comem tudo, sem guardar coisa alguma para o dia de amanhã. Quando estão em lugar onde há abundância, um homem dos deles pode comer tanto quanto cinco ou seis dos nossos; e quando se acham pelo contrário em lugares escassos, também podem jejuar quatro ou cinco dias, apertando o ventre com certas cascas de árvores, o que lhes faz esquecer um tanto a fome, até que venham a comer outra vez, e então desatam a ligadura da fome.

A gula dos tapuias é tal que, nas suas excursões, eles não podem demorar-se em um lugar mais de dois a três dias; porquanto tendo comido tudo o que há aí, devem ir procurar outros sítios. Por isso eles não levantam casas a não ser de alguns ramos e para servirem de abrigo contra a chuva ou o sol ardente.

À noite fazem grandes fogos, ao longo dos quais estendem as suas redes para se aquecer. Quando partem, deitam fogo a esse acampamento, o que assinala o lugar onde eles estiveram, e serve de fanal a quem os procura ou quer ir ter com eles; aí se chegará caminhando contra os fogos.

As mulheres são, indistintamente, pequenas e mais baixas de estatura do que os homens. São também de cor atrigueirada, mui bonitas de cara, e trazem compridos os seus cabelos negros. Também andam nuas, encobrindo todavia as suas vergonhas adiante e atrás com folhas verdes. São mui serviçais e submissas aos seus maridos em tudo o que eles desejam que seja razoável.

Não suportam (estes) o adultério, e gostam muito da

fidelidade. Os homens que querem casar-se, devem antes de fazê-lo, mostrar que têm um coração verdadeiramente varonil, ou seja por feitos d'arma contra os seus inimigos, ou em casa provando a sua força pelo fato de percorrer um certo espaço carregando algumas árvores pesadas para esse fim ordenadas. Uma vez que alguém tenha feito patente a todos que possui essas qualidades varonis, lhe é dada uma mulher com as seguintes cerimônias. Abre-se-lhe um buraco em cada uma das faces para se meterem pauzinhos ou ossinhos brancos, semelhando pedaços de cachimbo que se quebrasse, tendo alguns 3,4 e 5 polegadas de comprimento, o que é um sinal certo de serem casados ao seu modo. Os que não trazem esse sinal e todavia atingiram a idade viril, são tidos em pouca estima e consideração. Também se permite abrir esses buraquinhos nas faces àqueles que trazem duas cabeças dos seus inimigos como prova de os haver morto.

Quando se celebra algum casamento, o rei se acha presente, e há grandes demonstrações de pranto e gritaria por parte das mulheres e meninos, o que é sinal, como fica dito, do maior júbilo e honra. Tendo essa festa durado quatro ou cinco dias com as costumeiras lamentações e algazarras, é a noiva conduzida ao noivo à tarde em uma dança aparelhada, onde eles cantam ao seu modo em voz mui alta, tendo as caras e os corpos ricamente pintados com tinta de urúcti e jenipapo. Além disso, arreiam-se de toda a sorte de penas vistosas, com o que parecem mais um pássaro ou um monstro do que um ser humano. E se alguma coisa falta ainda a esses ornatos, acrescentam mais os colares e os guizos, de sorte que o rumor de suas danças se houve ao longe, como o das confrarias ou corporações de ofício (gildes) ao terminar a quaresma.

Terminados os festejos do primeiro casamento, eles podem tomar as mulheres que quiserem; com tais cerimônias porém não desposam senão a primeira, e se desejarem ter ainda uma outra rapariga por mulher, o pai não lhe a pode recusar, segundo o seu estilo. E quanto maior é a pessoa, maior é o número de suas mulheres: o rei tem seguramente vinte e cinco.

Quando alguma de suas mulheres pare, os maridos tomam de ordinário outra, e tratam as precedentes quase como escravas, que lhe devem obedecer, carregando a bagagem e as redes para onde eles vão ou partem, e no sítio, onde fazem assento, são elas, que saem a procurar os ramos necessários para construir a cabana, sem que eles

as auxiliem em coisa alguma. Para não perderem o vigor, os maridos preferem carregar às vezes uma grande árvore do peso de 200 a 300 libras e percorrer assim um pedaço de caminho, deixando entretanto que as mulheres façam o trabalho, pois para isso dizem que elas nasceram.

E como não conhecem Deus nem praticam o culto divino, também não sabem o que seja batizado ou circuncisão. Contudo eles usam uma cerimônia com os seus meninos. Quando estes atingem a idade de sete ou oito anos, os pais os fazem homens, como eles dizem, o que se passa assim: Reunem-se os amigos com a costureira gritaria, e o mais velho deles levanta o menino e o metem suspenso, de modo que os outros lhe abrem um futuro no lóbulo ou parte inferior de cada orelha, bem como no lábio inferior acima do queixo, onde introduzem uma pedrinha verde, preta ou colorida, e nos buracos das orelhas pauzinhos ou ossinhos adrede preparados. Estes são os sinais de sua virilidade, e em seguida as mulheres fazem a festa com os gritos e lamentações do costume, como já foi referido.

Se morre algum deles, seja homem ou mulher, em sendo morto, comem-no, dizendo que o finado não pode ser melhor guardado ou enterrado do que em seus corpos, e isto fazem do seguinte modo. Tomam o cadáver, lavam-no e esfregam-no bem, fazem um grande fogo sobre o chão, acima do qual põem o corpo e deixam-no assar bem. Logo que esteja bem assado, o comem com grande algazarra e lamúrias. As vezes não o podem todo, então guardam o resto para ocasião oportuna, especialmente os ossos que, depois de queimados, pisados e reduzidos a pó misturam com a sua farinha e assim comem. Os amigos (parentes) mais próximos do morto, quer seja homem ou mulher, cortam o cabelo, em sinal de que deploram a morte de seus amigos. O berreiro e as lamentações dos amigos perduram somente até que o cadáver tenha sido comido (50).

Quando o rei ou comatim, isto é o filho do rei, ou algum grão-senhor morre, esses tais são comidos somente por suas mulheres, e nenhuma pessoa de baixa condição (slechie personen) é recebida para compartilhar desse manjar. No lugar onde alguma de tais pessoas morre, se põe uma memória, e cada ano se reúnem todos aí para fazerem uma oferenda ao diabo, pois eles o tem por seu deus. Isto porém não se pode dar com a gente má ou ínfima.

Quando sucede que alguma mulher dá à luz uma criança morta, eles comem igualmente o cadáver, dizendo que



não lhe podem dar melhor sepultura do que no corpo donde veio.

Os meninos começam a andar quando têm nove ou dez semanas (om de negen off thien weken te gaen) e, o que é mais para admirar, lançam-se então na água para aprender a nadar, pois entre eles não se acha um só, seja homem ou mulher, que não saiba nadar com perfeição.

Em geral eles atingem a uma idade mui avançada, alguns contam 150, 160 até 200 anos, de sorte que já não podem andar e devem ser carregados em redes (51). Contudo são tidos em grande consideração, pois quanto mais velhos se fazem, tanto mais honras lhes tributam, isto é, sendo pessoas do sexo masculino, e não do outro sexo, porquanto, em parindo as mulheres uma ou duas vezes, são tratadas como escravas.

Os Tapuias descem muitas vezes de suas terras, para as fronteiras inferiores e os limites do Brasil, o que sucede principalmente quando os estios são secos e eles não encontram bastante alimento em suas terras; pois eles mesmos consideram as regiões inferiores do Brasil melhores, mais saudáveis e frutíferas do que os lugares onde habitam, que dizem ser rochosos e mal providos de mantimento. Além disso há aí abundância de insetos, e sobretudo cobras grandes e venenosas que medem seguramente 24 pés de comprimento, tendo o corpo coberto de uma certa pele. Elas saltam das rochas de improviso sobre os índios, os mordem nos braços e nas pernas, deixando ficar os dentes nas chagas, a qual dentada é tão venenosa que a vítima morre imediatamente ou ao mais tarde dentro de quatro ou cinco horas. Não obstante ter sido a morte causada por picada de cobra, eles comem o corpo do finado, e não sentem mal por isso.

Dizem também que têm grandes rios em suas terras, onde há uma sorte de peixe que chamam curfa, cujo corpo tem a forma de um porco, exceto a cauda que é de peixe. Esses peixes lhes são mui incômodos, quando eles passam os rios: mordem, arrancando-lhes pedaços do corpo, e até o braço ou a perna.

Dizem ainda que em suas terras não há gado ou animais que sirvam para alimentar, salvo os porcos selvagens, dos quais apanham alguns de vez em quando. Acrescentam que às vezes lhes sucede viajar dois ou três dias sem encontrar água, a não ser a que procede do orvalho da manhã e se junta nos cantos e recantos das penhas. Também se en-

contra ali um mel tão espesso e branco como leite, eles o tiram das árvores, e dele se servem para se alimentarem.

Conhecem e obtêm uma certa raizinha que tem a grossura da palha e um pé de comprimento, entregam-na às mulheres para a mastigarem, elas para isso se reúnem, e, em sendo a raiz bem mastigada, fazem uma beberagem que chamam *cauwau* em sua língua, com a qual eles se podem embebedar moderadamente (bescheydentlyck).

Quando esses Tapuias vêm a estas regiões inferiores do Brasil por ordem do seu rei, trazem consigo um sinal do mesmo rei, a *alabarda* ou *partasana* (bardesaen) que o coronel Artiszeoski lhes deu por parte da privilegiada Companhia das Índias Ocidentais. Vêm ordinariamente como amigos ao Rio Grande e a estes distritos; mas, indo-se embora, não podem apartar-se sem fazerem mal aos moradores, pelo que se lhes deve dar sempre uma escolta que os conduza até as fronteiras, a fim de que não molestem a pessoa alguma.

Com o que dou por findo o que até o presente tenho achado digno de ser lançado no papel.

Recife de Pernambuco em o último de julho de 1639.

ELIAS HERCKMANS

## N O T A S

### Marcus Odilon Ribeiro Coutinho

- ( 1 ) Ippo Eyssens fez um governo de violências, como assinala o historiador Horácio de Almeida. E acabou mal.
- ( 2 ) Rodolfo Augusto de Amorim Garcia, historiador e tupinólogo. Nasceu no Rio Grande do Norte, precisamente na cidade de Ceará-Mirim, em 25 de maio de 1873. Faleceu no Rio de Janeiro, em 14 de novembro de 1949, aos 76 anos. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Recife no ano de 1908. Casou-se com Ester de Oliveira. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Foi amigo e colaborador de Capistrano de Abreu. Escreveu o **Dicionário de brasileirismos**, entre outras obras, mas o seu trabalho mais importante é a edição anotada da **História Geral do Brasil**, de Varnhagen. As anotações do 1.º volume (1927) foram feitas em colaboração com o mestre Capistrano; as do 2.º (1930) ao 5.º (1936) são exclusivamente suas. Ocupou o cargo de diretor da Biblioteca Nacional e pertenceu à Academia Portuguesa de História. Era um erudito.
- ( 3 ) De certa forma continuam inalterados os limites da Paraíba. Os seus moradores para o ocidente a quiseram povoar somente até o Ceará, ao contrário dos nossos vizinhos pernambucanos, que levaram suas fronteiras ao distante Piauí. A Capitania de Itamaracá desapareceu e seu território coube, em parte, a Pernambuco.
- ( 4 ) Como se observa, a corrupção chegou ao nosso território antes mesmo dos portugueses. E, como se pode deduzir sobreviveu à colonização, ao Império e viceja (e como!) na República.

- ( 5) O próprio Elias Herckmans é quem diz serem portugueses os primitivos construtores da fortaleza de Santa Catarina. Infelizmente perdura uma tradição oral e errônea, atribuindo aos holandeses a construção de obras d'arte, palácios e até igrejas católicas antigas, no Nordeste.
- ( 6) Não mais existem vestígios dos fortes de Santo Antônio e de São Bento, na ilha da Restinga, hoje transformada em um simples loteamento.
- ( 7) Povoado do município de Santa Rita, tem umas 250 casas, em sua maioria cobertas de palha. Possui também uma capela católica e um grupo escolar, construído pelo prefeito Flávio Maroja Filho. Lá existe um trapiche de madeira, que serve de porto. E todas as terras pertencem ao sr. Antônio Elias Pessoa, neto do poeta Antônio Elias Pessoa, contemporâneo de Augusto dos Anjos, e que com este manteve polêmica.
- ( 8) A igreja da Guia é um dos mais belos monumentos da arquitetura barroca, não só da Paraíba, mas de todo o Brasil. Infelizmente este relicário não tem merecido a devida atenção dos poderes públicos, e a sua conservação fica muito a desejar. Anualmente ocorre no mês de dezembro, uma festa profano-religiosa, atraindoromeiros do litoral, que chegam de barcos, ônibus e caminhões. Este fato está bem retratado no documentário **Romeiros da Guia**, dirigido pelos cineastas paraibanos Wladimir Carvalho e João Ramiro Melo, nos anos 50. A propriedade pertenceu ao ex-prefeito de Santa Rita, Diógenes Chianca, e atualmente foi dividida entre as suas sete filhas. Está localizada no atual município de Lucena.
- ( 9) O nome continua sendo Gargaú, e pertence à Usina Santa Rita, dirigida pelo agrônomo Francisco Leocádio Ribeiro Coutinho, filho do ex-governador Flávio Ribeiro Coutinho. Este adquiriu o imóvel na segunda década do século XX. O engenho Gargaú atualmente se limita a fornecer cana à Usina Santa Rita, e no passado pertenceu, entre outros, a Ambrósio Fernandes Brandão (autor de **Diálogos das Grandezas do Brasil**); a João Fernandes Vieira (governador da Paraíba, logo após a expulsão holandesa); e a Joaquim Gomes da Silveira, que na Casa Grande do dito engenho recebeu para jantar Sua Majestade Imperial, Pedro II, quando em 1859 o monarca visitou nossa Província. Gargaú se localiza no município de Santa Rita, às margens da rodovia BR—101. Em bom estado de con-

servação se encontra na propriedade, a capela de Santana, belo monumento da arquitetura barroca.

- (10) Os moradores mais antigos de Gargaú negam a existência desse singular peixe, atualmente extinto no Nordeste. Existem porém raros exemplares no rio Amazonas.
- (11) Barreiras, distrito de Santa Rita, conservou este nome até 1944 quando foi rebatizado pelo interventor Ruy Carneiro, com o nome de Bayeux, uma homenagem à primeira cidade francesa libertada da ocupação nazista, pelos exércitos aliados na Segunda Guerra Mundial. Em 1959, Bayeux viu-se elevado a município pelo governador Pedro Gondim, que assinou lei oriunda da Assembléia Legislativa.
- (12) Este rio é também conhecido como Cabocó, e corta a BR—101, correndo paralelo ao rio Paraíba do Norte, do qual é afluente.
- (13) O Engenho do Meio permanece com esta denominação e pertence atualmente ao sr. Severino Maroja, filho do antigo proprietário, sr. Arnóbio Maroja. É um dos últimos engenhos que continuam destilando aguardente. Em 1817, pertencia a Amaro Gomes Coutinho, um dos chefes e mártir, na Paraíba, da Revolução Pernambucana que eclodiu naquele ano. Uma lenda diz que na capela de São Gabriel, no dito engenho, foi enterrada a cabeça do infeliz revolucionário, enforcado pela repressão desencadeada por D. João VI. Amaro Gomes Coutinho, preso na Paraíba após o fracasso do movimento revolucionário, viu-se conduzido ao Recife pelos esbirros do rei e, condenado ao patíbulo, lá pereceu. Sua cabeça, mãos e pés para aqui transportados, estiveram expostos próximo ao Porto do Capim, no local assinalado por uma lápide, colocada há anos pelo nosso Instituto Histórico. A exposição pública de restos mortais do condenado por crime de lesa-majestade, tinha por finalidade servir de exemplo à população.
- (14) Permanece com esta denominação e é de propriedade da Usina Santa Rita. Existia até poucos anos, no local uma capela sob invocação dos santos Cosme e Damião, lamentavelmente derrubada em 1975.
- (15) Trata-se do cristão-novo que escreveu o conhecido livro **Diálogos das Grandezas do Brasil**, descrição ufanista das potencialidades de nossas terras.

- (16) No local do Engenho Velho, ergue-se hoje a Usina Santana, construída em 1925 pelo agrônomo Flaviano Ribeiro Coutinho. A casa-grande ainda existe, após ter sofrido várias reformas. Anteriormente, o engenho pertenceu ao dr. Pedrosa que, após vendê-lo, transferiu-se para Alagoas, onde adquiriu a Usina Urubas. Em Santa Rita, a rua onde se acha a linha férrea é denominada Dr. Pedrosa, homenagem ao antigo empresário rural, um dos pioneiros da industrialização paraibana.
- (17) O Engenho Tibiry é patrimônio dos herdeiros de Eithel Santiago. Destilou aguardente até poucos anos, e hoje fornece cana. No século passado pertenceu ao senador Estêvão José Carneiro da Cunha, líder revolucionário de 1817. Em terras deste engenho ergueu-se, paulatinamente, a cidade de Santa Rita, sede da primeira fábrica têxtil do Estado, a Companhia de Tecidos Paraibana, fundada no ano de 1888.
- (18) Também não existe mais nenhum vestígio deste forte. No Engenho Santo André nasceu André Vidal de Negreiros, herói da luta pela expulsão dos holandeses. Uma capela que havia no local, foi derrubada recentemente. O engenho hoje é de propriedade do agrônomo Francisco Leocádio.
- (19) O Engenho São Gonçalo é também conhecido como Patrocínio, e hoje integra o patrimônio da Companhia Usina São João, dirigida pelo bacharel Odilon Ribeiro Coutinho. No local, desde o princípio do século fundou-se uma usina de açúcar. Lá existe uma casa-grande de bela aparência, além de escola e capela, esta construída no século XVIII, como está assinalado no seu frontão.
- (20) Permanece com a mesma denominação e pertence aos irmãos Flaviano Filho, José Waldomiro, Marcus Odilon e Ninosa de Lourdes Ribeiro Coutinho. Anteriormente foi sua proprietária a sra. Severina Ribeiro Coutinho.
- (21) Pertence atualmente à Cia. Usina São João e conserva o nome.
- (22) Pertence também à Cia. Usina São João. Mas, no princípio do século, sediou uma usina de açúcar, fundada pelo ex-senador paraibano Adalberto Cruz Ribeiro.
- (23) Ainda nos dias presentes tem o mesmo nome. Localiza-se Itapuá no município de São Miguel do Taipu. E tornou-se cená-

rio de vários romances de José Lins do Rêgo, que à ele se refere inúmeras vezes em muitos de seus livros.

- (24) Jacoca chama-se atualmente Conde, e até 1963 pertencia ao município de João Pessoa com o nome de Vila do Conde. Emancipou-se graças ao governador Pedro Gondim, que sancionou lei da Assembléia Legislativa, então apresentada pelo autor destas notas, na época exercendo o mandato de deputado estadual, como suplente convocado.
- (25) É a atual Tapira. Possui uma escola pública e um pequeno engenho de aguardente.
- (26) Na verdade o rio Miriri é de pequeno curso. Não alcança o sertão. Houve aí um engano de Elias Herckmans.
- (27) Existem ao longo do curso do rio, várias propriedades e engenhos com o mesmo nome. Dentre eles podemos mencionar dois, o engenho Miriri, que pertenceu a Pedro Ramos Coutinho (já falecido) e hoje é sede da Destilaria Miriri S/A, dirigida pelo empresário Geraldo Moraes; e Miriri de Ferraz, antiga propriedade da família de Amaro Ferraz, o primeiro prefeito de Santa Rita. A Destilaria Miriri está localizada em Sapé, enquanto Miriri de Ferraz se acha no município de Santa Rita.
- (28) Enganou-se Elias Herckmans, pois o rio Jacuípe não é afluente do Miriri, e sim do Paraíba do Norte.
- (29) Permanece esse topônimo. E a propriedade é hoje da Usina Santana, estando sendo construída no local a Destilaria de Alcool Flaviano Ribeiro Coutinho. Integra o território do município de Lucena. Quanto à criação de gado, tal atividade não progrediu. Há muitas décadas foi abandonada.
- (30) Situa-se no atual município de Serra da Raiz, na zona norte do Estado, região do Brejo. Integrava Serra da Raiz o município de Caçara, até a administração Pedro Gondim, quando então foi concedida pela Assembléia Legislativa a sua emancipação.
- (31) Em 1810 ou um pouco depois o inglês Henry Koster, arrendou propriedade rural em Itamaracá, e relatou em seu livro **Viagens ao Nordeste do Brasil**, os ataques das formigas às plantações e à sua própria casa. Graças porém a produtos químicos

cos (formicidas) as pragas, especialmente as fôrmidas, estão nos últimos tempos sob controle.

- (32) Atual município de Baía da Traição. Existe ainda hoje no local uma reserva indígena, onde vivem quase três mil potiguares em 52.000 hectares, doados pelo Imperador Pedro II. Nos últimos anos, Baía da Traição vem sendo muito procurado como balneário, principalmente por frequentadores campinenses e pernambucanos.
- (33) Segundo historiadores paraibanos, Américo Vespúcio quando esteve no Brasil, em 1501, integrando uma expedição às nossas costas aportou nessa baía, e viu desembarcarem alguns marinheiros que, após entendimento inicial com os silvícolas, foram repentinamente atacados, morrendo três deles nas mãos dos índios. Estes — conta Vespúcio — em seguida devoraram-lhes os corpos. O trágico incidente teria assim, dado origem ao nome de Baía da Traição. Já o deputado estadual José Fernandes de Lima, membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, apresentou projeto-de-lei mudando o nome do município para Acejutibiró, topônimo indígena, encostando-se à corrente de historiadores que refletem esta versão.
- (34) Tal fenômeno, típico dessa região, tornou-se responsável pelo nome dado à fábrica de tecidos e à cidade de Rio Tinto, que também integrou até os anos 50, o município de Mamanguape. Rio Tinto emancipou-se graças a projeto-de-lei apresentado à Assembléia Legislativa pelo deputado Eduardo Ferreira, e sancionado pelo governador Flávio Ribeiro Coutinho. Seu primeiro prefeito (nomeado) foi o comendador Frederico Lundgren.
- (35) É óbvio que após quase cinco séculos de depredação, hoje nos restam pouquíssimas matas. A Paraíba importa madeira de lei do Pará, Maranhão e Paraná.
- (36) Praticamente quase não houve inovação no processo de se fabricar farinha de mandioca.
- (37) Ainda hoje essa fruta é abundante, notadamente nos municípios de Remígio, Maçaranduba, e no distrito de São José da Mata.
- (38) Perderam-se na noite dos tempos o hábito e a receita de aproveitar-se as cascas do maracujá para fazer doces. Entretanto, ainda se encontra esse doce em Teresina, capital do Piauí.



- (39) Recomendamos ao leitor assistir ao filme curta-metragem sobre o caju, produzido pelo cineasta conterrâneo Linduarte Noronha.
- (40) Existem promissoras indústrias de aproveitamento do caju e da castanha, esta exportada para a Europa, Argentina e Estados Unidos. Localizam-se no Rio Grande do Norte e no Ceará, hoje o maior produtor de caju do Brasil. Na terra de José de Alencar, a SUDENE aprovou grandes projetos agroindustriais visando a plantação de cajueiros, que já estão produzindo os saborosos e nutritivos frutos.
- (41) Durante muitos anos, fabricou-se excelente vinho licoroso de jenipapo. Mas atualmente esta espécie se acha quase em extinção, e decaiu o aproveitamento industrial do seu fruto. Um dos pioneiros da indústria vinícola de frutos regionais foi Tito Silva, sucedido pelos filhos, fabricantes do famoso vinho Celeste, feito de caju. Eles também fabricavam um apreciado vinho de jenipapo, hoje ainda produzido pela empresa Sanhaúá e outras menores.
- (42) Os figos foram completamente extintos
- (43) Ananás ou abacaxi, fruto do qual somos os maiores produtores do Brasil. A Paraíba abastece o mercado interno, e ainda exporta para o exterior, sendo a Argentina o país que mais o adquire. O abacaxi de Sapé é o que possui melhor sabor
- (44) Insignificante é a atual produção de uva, na Paraíba. Entretanto as terras altas e frias de Areia, Cuité e Bananeiras, bem que comportariam o plantio de parreiras, quando não da uva de mesa que importamos do sul.
- (45) A criação de gado bovino afastou-se para o interior, a partir do chamado Piemonte da Borborema, onde estão os municípios de Cajá, Itabaiana, Pilar, Guarabira, Jacaraú. Os vales do Mamanguape, Miriri, Mumbaba, Gramame, citados por Elias Herckmans, estão cobertos por cana-de-açúcar e agricultura de subsistência.
- (46) Espécies já há algumas décadas praticamente extintas pela caça predatória dos últimos séculos.
- (47) Hoje, e desde outros séculos não se conhece mais essa indús-

tria. Como se vê, o rei conseguiu o seu intento: acabar semelhante atividade econômica entre nós.

(48) O pau-brasil foi extraído em nossas matas, porém o urucu, conhecido igualmente como açafraão, é plantado no litoral, com destaque maior no município de Sapé. Parte da sua produção é exportada.

(49) O nome Janduí é facilmente encontrado entre os paraibanos. Destacamos Janduhy Carneiro, médico, deputado federal de 1945 a 1976 (ano em que faleceu), candidato a governador do Estado em 1960; Janduí Suassuna, prefeito do município de Riacho dos Cavalos; e o radialista Janduí Mendonça, dentre outros.

(50) A grande carência de proteína pode ser responsabilizada por esse costume bárbaro.

(51) É evidente que aí, Herckmans deixou-se levar por alguma informação apressada.